Aranha

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA



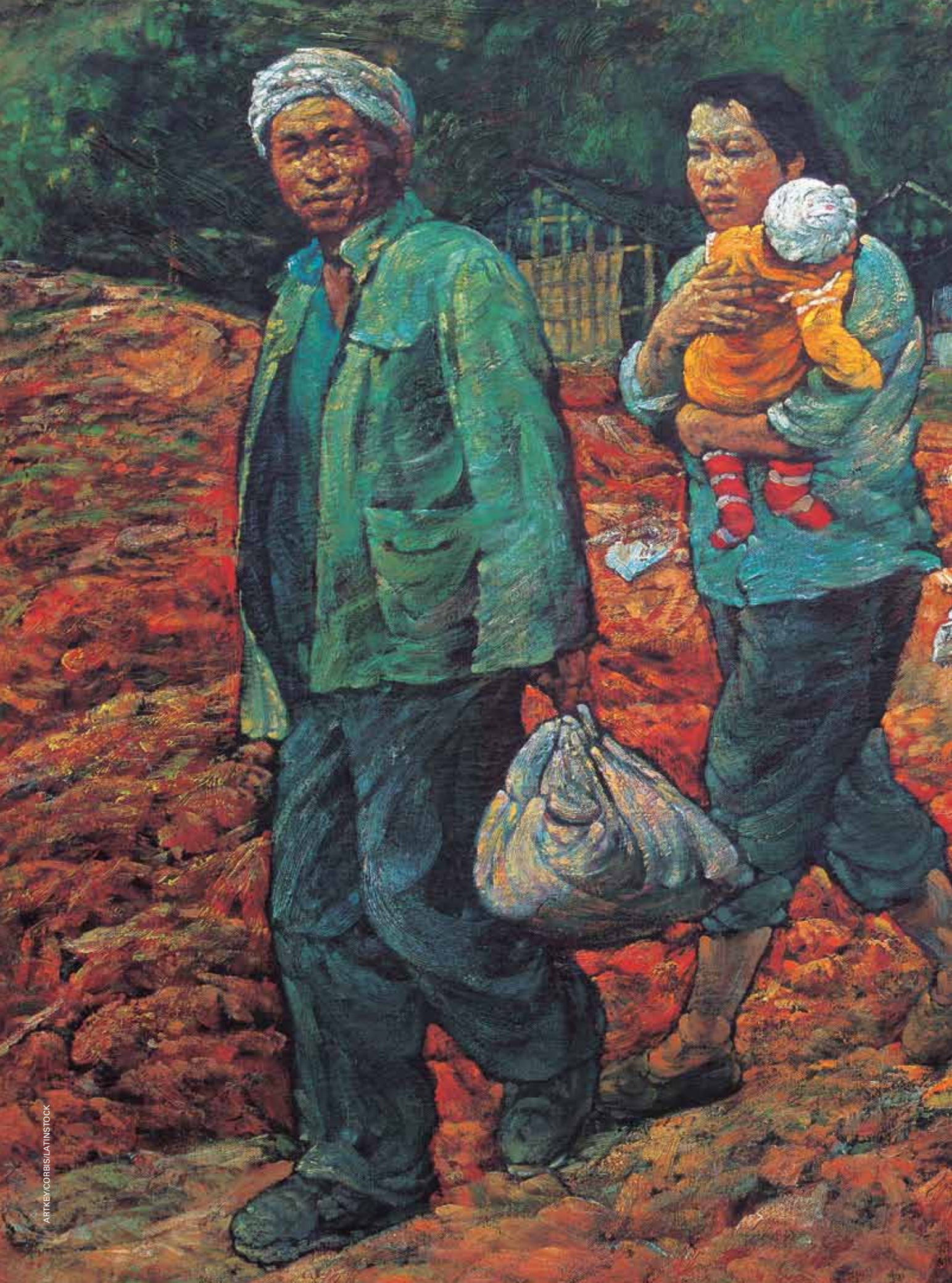
BETTMANN/CORBIS/LATINSTOCK

Friso romano do monumento Ara Pacis (Altar da Paz) representa procissão solene conduzida pelo imperador Augusto. É comum, como neste caso, cristalizar modos de agir e pensar em obras de arte. Mármore, 1,60 metro, século I a.C.

CAPÍTULOS

1 Natureza e cultura
2 Trabalho e alienação
3 Consumo e lazer
4 As mutações da família

Sistema Educacional por Competências
UNO INTERNACIONAL



ARTKEY/CORBIS/LATINSTOCK

Indivíduo e sociedade

"Em todas as atividades humanas encontramos uma polaridade fundamental que pode ser descrita de várias formas. Podemos falar de uma tensão entre a estabilização e a evolução, entre uma tendência que leva a formas fixas e estáveis de vida e a outra para romper esse plano rígido. O homem é dilacerado entre as duas, uma das quais procura preservar as velhas formas, ao passo que a outra empenha-se por produzir novas. Há uma luta que não cessa entre a tradição e a inovação, entre as forças reprodutoras e criadoras."

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. p. 351.

O homem e sua mulher (1996), óleo sobre tela, Ma Jian Chu.

Objetivos

Professor: Consulte o Plano de Aulas. As orientações pedagógicas e as sugestões didáticas facilitarão seu trabalho com os alunos.

Ao final deste módulo, você deverá ser capaz de:

- caracterizar o ser humano, distinguindo-o dos animais superiores, que também têm um tipo de inteligência;
- compreender a importância do trabalho para a realização humana e ao mesmo tempo identificar as distorções que levam à alienação;
- reconhecer as diferenças entre o consumo consciente e o consumismo, bem como entre o lazer ativo e o lazer alienado;
- contextualizar o processo das transformações culturais por meio do exemplo da família.

CAPÍTULO 1

Natureza e cultura

1 Para começar

A história de Kaspar Hauser é intrigante. Não se trata de uma criança que viveu com animais, como tantas outras, mas de alguém que cresceu sozinho, isolado de qualquer convívio humano até a idade provável de 15 anos. Em maio de 1828, foi deixado em uma praça central de Nuremberg, na Alemanha, segurando uma carta endereçada a uma pessoa da cidade (figura 1). Como não sabia se comunicar, seu passado foi objeto das mais diversas suposições, até mesmo de que seria um príncipe herdeiro ou um espertalhão disfarçado. Havia indícios de que ele teria sido alimentado todo o tempo por alguém que o mantinha em cativeiro.

Por um tempo foi mantido na prisão, onde era objeto da curiosidade popular. Depois, teve um tutor que lhe ensinou a falar, a ler e a escrever, além de lhe transmitir os costumes e as regras morais. Mas, diferentemente do que se esperava, o inteligente Kaspar Hauser usou a linguagem para questionar esses costumes e estereótipos. Era dócil, não conhecia a inveja, a ganância ou a maldade, mas rejeitava a doutrinação que queriam lhe impor.

Essa atitude provocou descontentamento em pessoas da comunidade. Segundo alguns estudiosos, talvez porque as expectativas típicas do século XIX fossem de excessiva valorização da racionalidade como forma de conhecimento. Pensava-se que, se Kaspar aprendera a lógica e a argumentação, ele deveria ser capaz de agir "razoavelmente". Mas, na verdade, sua educação tardia o "salvou" da paulatina introjeção dos hábitos a que toda criança está exposta.

1



EVERETT COLLECTION/KEYSTOCK

Figura 1 • O filme *O enigma de Kaspar Hauser* (1974), dirigido por Werner Herzog, instiga-nos a interpretar a história verídica de um rapaz que cresceu fora do convívio humano.

2 O comportamento animal

Muitas vezes nos surpreendemos com as semelhanças entre os seres humanos e os animais, principalmente com aqueles de níveis mais altos na escala zoológica de desenvolvimento, como os macacos e os cães. Tal como eles, temos inteligência, demonstramos amor e ódio, sentimos prazer, dor e sofrimento, expressamos alegria, tristeza e desejos, além de tantas outras características comuns que descobrimos no convívio com os animais. Por isso mesmo, indagamos: "Será que meu cachorro pensa?". E, se ele pensa, em que seu "pensamento" distingue-se do pensamento humano?

2.1 A ação por instinto

Se os animais superiores são inteligentes, o mesmo não ocorre com os animais que se situam nos níveis mais baixos da escala zoológica – tais como os insetos –, porque eles agem principalmente por reflexo e **instinto**.

Glossário

Instinto. Do latim *instinctu*, designa "impulso" ou "inclinação". Trata-se de um comportamento inato (que nasce com o indivíduo), que independe das circunstâncias e do controle racional da vontade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A ação instintiva é regida por leis biológicas, idênticas na espécie e invariáveis de indivíduo para indivíduo. A rigidez do instinto dá a ilusão de perfeição, já que o animal executa certos atos com extrema habilidade. Não há quem não tenha observado com atenção e pasmo o trabalho paciente da aranha ao tecer sua teia. Todavia, esses atos não se renovam – não têm história –, eles permanecem iguais ao longo do tempo, exceto no que se refere às modificações decorrentes da evolução das espécies e das mutações genéticas. Ainda que essas alterações ocorram, elas continuam valendo para os descendentes, por transmissão hereditária.

Vejamos o exemplo da vespa. Se retirarmos da célula o ovo e os insetos que serviriam de alimento à larva, mesmo assim a vespa prosseguirá nas etapas seguintes, até o fechamento adequado da célula, ainda que vazia (figura 2). Esse é um comportamento "cego", porque não leva em conta a finalidade da "fabricação" da célula, ou seja, a preservação do ovo e da futura larva.

2



JEREMY WOODHOUSE/MASTERFILE/OTHER IMAGES

Figura 2 • A vespa "fabrica" a célula onde deposita o ovo e põe, ao lado dele, os insetos, dos quais a larva, ao nascer, irá se alimentar.

Em contrapartida, o ato humano voluntário é consciente da finalidade, ou seja, o ato existe antes como pensamento, como projeto, e sua execução resulta da escolha dos meios necessários para realizar os fins propostos. Quando há interferências externas no processo, os planos são modificados para se adequarem à nova situação.

2.2 O uso da inteligência

Diferentemente da rigidez da ação dos reflexos e instintos, a inteligência dá resposta a um problema ou a uma situação nova de maneira improvisada e criativa. Esse tipo de comportamento é compartilhado por seres humanos e animais superiores.

ISTO É ESSENCIAL!

De modo amplo, a inteligência é a capacidade de resolver problemas práticos de maneira flexível e eficaz. No sentido estritamente humano, é a capacidade de solucionar problemas por meio do pensamento abstrato (raciocínio, simbolização).

Em 1910, o psicólogo **gestaltista** Wolfgang Köhler (1887-1967) realizou experiências interessantes nas ilhas Canárias com uma colônia de chimpanzés. Em um dos experimentos, o animal faminto não conseguia alcançar as bananas penduradas no alto da jaula. Depois de algum tempo, o chimpanzé resolveu o problema: puxou um caixote para alcançar a fruta. Segundo Köhler, a solução encontrada pelo chimpanzé não foi imediata, ela ocorreu no momento em que o animal teve um ***insight***, uma visão global do ambiente, que o fez estabelecer a relação entre o caixote e a fruta: esses dois elementos, antes separados e independentes, passaram a fazer parte de uma totalidade (figura 3).

3



TOPFOTO/KEYSTONE

Figura 3 • O que vemos na imagem? Ora a figura de três crianças, ora uma caveira. Para os gestaltistas, a figura ambígua indica que não existe puro estímulo sensorial, porque nossa percepção é sempre global.

Glossário

Gestaltista. Seguidor da teoria da *gestalt* (do alemão, "figura" ou "forma"), também conhecida como psicologia da forma.

Insight. Em inglês, "visão interna". Para os gestaltistas, é o conhecimento que deriva de uma iluminação súbita, um estalo, uma visão global.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A inteligência distingue-se do instinto por sua flexibilidade, pois as respostas variam de acordo com a situação e também de animal para animal. Tanto é que Sultão, um dos chimpanzés mais inteligentes no experimento de Köhler, foi o único a realizar a proeza de encaixar um bambu em outro para alcançar o alimento que estava num ponto mais alto.

Portanto, os comportamentos descritos não se comparam à resposta instintiva, de simples reflexo, por se tratar de atos de inteligência, de invenção.



FRANS LANTING/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 4 • Experiências com chimpanzés demonstram sua capacidade de comunicação com os humanos mediante sinais. Em alguns casos, eles transmitem os conhecimentos a outros iguais.

2.3 A linguagem, limiar do humano

Ninguém pode negar que os animais também têm certo tipo de linguagem. As abelhas, ao realizarem determinada dança, indicam umas às outras onde acharam pólen. Pelo latido de um cão, podemos identificar medo, dor ou prazer. Quando ele abana o rabo ou rosna, entendemos o que isso significa e, quando lhe dizemos "vamos passear", ele nos aguarda alegremente junto à porta.

Trata-se do mesmo tipo de linguagem nos dois exemplos? No caso das abelhas, estamos diante de uma linguagem programada biologicamente, idêntica em todos os indivíduos da espécie. No segundo, o cão rosna por instinto, mas entende seu dono pela inteligência, mediante a aprendizagem por reflexo condicionado.

Mas seria mesmo apenas isso? Para entender a linguagem animal, foram feitos diversos experimentos com animais superiores, como chimpanzés. A partir da década de 1960, o casal Robert Allen e Beatrice Gardner, sabendo que o chimpanzé não fala porque não dispõe de aparelho fonador adequado à reprodução da linguagem oral, recorreu à linguagem dos sinais (figura 4) dos deficientes auditivos. Realizaram então a façanha de ensinar entre 100 e 200 expressões à chimpanzé Washoe, que foi capaz de formar frases com sujeito e predicado para pedir água, comida ou brinquedo.

Que conclusão se pode tirar desses experimentos? É possível demonstrar que um chimpanzé é capaz de abstração e de pensamento? A diferença entre o ser humano e o animal primata, se a resposta for afirmativa, seria apenas de grau, e não de qualidade, como dizia Darwin?

A partir da experiência de Köhler, foi possível constatar a inteligência dos chimpanzés, mas o bambu usado por eles para alcançar a fruta não se transformou em instrumento nem foi aperfeiçoado. Ainda que alguns animais organizem sociedades mais complexas, e até aprendam novas formas de sobrevivência e as ensinem a suas crias, nada se compara às transformações realizadas pelo ser humano.

Já a aprendizagem dos chimpanzés que usam a linguagem dos gestos, mesmo que se identifiquem nela associações semelhantes às realizadas por humanos, trata-se de uma linguagem rudimentar, que não alcança o nível de elaboração simbólica de que somos capazes. Portanto, a linguagem humana é a linha divisória entre a natureza humana e a dos animais. Somos seres que falam, e a palavra encontra-se no limiar do universo humano (figura 5).



CINEMATECA BRASILEIRA

Figura 5 • No filme *Vidas secas* (1963), baseado no romance de Graciliano Ramos, o diretor Nelson Pereira dos Santos conta a saga do retirante Fabiano com sua família para fugir da miséria e encontrar um lugar para trabalhar com dignidade.

Reflita

No romance *Vidas secas*, percebemos que a pobreza do vocabulário dos retirantes prejudica a tomada de consciência da exploração vivida por eles. Justifique essa interpretação da obra de Graciliano Ramos e transponha o exemplo para situações atuais.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 O agir humano: a cultura

A linguagem humana intervém como abstração que nos distancia da experiência vivida e nos permite reorganizá-la em outro contexto, dando-lhe novo sentido. É pela palavra que nos situamos no tempo, para lembrar o que ocorreu no passado e antecipar o futuro pelo pensamento. Se a linguagem, por meio da representação simbólica, permite que nos distanciemos do mundo, também é por ela que retornamos ao mundo para agir e transformá-lo.

O mundo que resulta do pensar e do agir humanos não pode ser chamado de natural, pois encontra-se modificado e ampliado por nós. Portanto, a diferença entre o ser humano e o animal não é apenas de grau, porque, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, nós somos capazes de transformá-la em **cultura**.

O que é cultura?

A palavra cultura tem vários significados, tais como a cultura da terra ou a cultura de uma pessoa letrada, "culta". Em antropologia, cultura é tudo o que o ser humano produz ao construir sua existência: práticas, teorias, instituições, valores materiais e espirituais. Se o contato com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo.

Dada a infinita possibilidade humana de simbolizar, as culturas são múltiplas. Variam as formas de pensar, de agir, de valorar; são diferentes as expressões artísticas e os modos de interpretação do mundo, tais como o mito, o senso comum, a filosofia ou a ciência. Vale lembrar que a ação cultural é coletiva, posto que é exercida como tarefa social, pela qual a palavra toma sentido com o uso do diálogo.

4 Tradição e ruptura

O mundo cultural é um sistema de significados já estabelecidos por outros, de modo que, ao nascer, a criança encontra-se diante de valores já dados. A língua que aprende, a maneira de se alimentar, o jeito de se sentar, andar, correr, brincar, o tom da voz nas conversas, as relações familiares; tudo, enfim, encontra-se codificado. Até na emoção, que nos parece uma manifestação tão espontânea, ficamos à mercê de regras que educam a nossa expressão desde a infância (figura 6).

Todas as diferenças no comportamento modelado resultam da maneira como são organizadas as relações entre os indivíduos numa determinada sociedade. É por meio delas que se estabelecem os valores e as regras de conduta que norteiam a construção da vida social, econômica e política.

6



NATHALIE DARBELLAY/SYGMA/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 6 • A escultura *A dança* (1869), do francês Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875), foi encomendada para ornamentar a Ópera de Paris, mas provocou escândalo e foi criticada por insultar a moral pública.

Reflita

Pode-se falar em "nu natural"? Toda pessoa encontra-se envolta em panos e, portanto, em interdições, pelas quais é levada a ocultar sua nudez em nome de valores (sexuais, amorosos, estéticos) que lhe são ensinados. Portanto, o corpo humano nunca é apresentado como mera anatomia. Discuta com seu colega como variam, conforme o tempo e o lugar, as regras sobre o cobrir-se e o desnudar-se.

Professor: Para orientar a discussão, relacione a pergunta à escultura de Carpeaux, que provocou escândalo no século XIX e hoje seria aceita.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4.1 Indivíduo e sociedade

Como fica, então, a individualidade diante do peso da herança social? Haveria sempre o risco de o indivíduo perder sua liberdade e autenticidade? O filósofo alemão Martin Heidegger alerta para o que chama de o mundo do "se", pronome reflexivo que equivale ao impessoal *a gente*. Veste-se, come-se e pensa-se não como cada um gostaria de se vestir, comer ou pensar, mas como a maioria o faz. Será que esses sistemas de controle da sociedade aprisionam o indivíduo numa rede sem saída?

Entretanto, assim como a massificação decorre da aceitação acrítica dos valores impostos pelo grupo social, a vida autêntica nasce na sociedade e a partir dela (figura 7). É justamente aí que encontramos o paradoxo de nossa existência social.

Se a humanização se realiza por meio das relações pessoais, é dos impasses e confrontos surgidos nessas relações que a consciência de si poderá emergir lentamente. O importante é manter viva a contradição fecunda de polos que se opõem, mas não se separam. Ou seja, ao mesmo tempo que nos reconhecemos como seres sociais, também somos pessoas, temos uma individualidade que nos distingue dos demais.



DIANA ONG/SUPERSTOCK

Figura 7 • A multidão sempre lembra a massa informe: as mesmas roupas, a mesma pressa. Por trás desses rostos sem identidade, haveria também as mesmas ideias?

Reflita

Um ermitão pode considerar-se verdadeiramente solitário? Na verdade, seu afastamento revela, em cada ato seu, a negação e, portanto, a consciência e a lembrança da sociedade rejeitada. Seus valores, erguidos contra os da sociedade, situam-se sempre a partir dela. Nesse caso, perguntamos: a recusa de se comunicar não seria ainda um modo de comunicação?

Professor: A linguagem, as crenças, os juízos de valor do ermitão representam a ligação mantida com seu passado e, portanto, com sua comunidade, mesmo quando ele a rejeita. Em termos mais cotidianos, quando alguém deixa de responder aos nossos telefonemas ou correio eletrônico, certamente nos diz algo.

Por isso é importante estarmos inseridos em nosso meio, ao mesmo tempo que buscamos nos distanciar dele. A função de estranhamento é fundamental para desencadear forças criativas, e manifesta-se de múltiplas maneiras: quando cada um de nós reflete sobre sua própria vida, quando o filósofo fica admirado com o que parece óbvio, quando o artista desperta a sensibilidade já embaçada pelo costume. O "sair de si" representa o esforço para nos livrarmos de convicções inabaláveis e, portanto, paralisantes. Por isso mesmo, a sociedade é a condição de alienação e de liberdade. E a cultura se faz no movimento de tradição e ruptura.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Uma nova sociedade?

Ainda que em todos os tempos e lugares tenham ocorrido mudanças, as chamadas sociedades tradicionais fixavam hábitos mais duradouros, que ordenavam a vida de maneira padronizada, com estilos de comportamento resistentes a alterações, sempre introduzidas de maneira gradativa. No entanto, a partir dos anos 1960, notou-se uma mudança de **paradigma**, porque os parâmetros que vinham orientando nosso modo de pensar, valorar e agir desde o Renascimento e a Idade Moderna entraram em crise no fim do século XIX, acelerando-se muito rapidamente a partir da segunda metade do século XX.

Glossário

Paradigma. Modelo, padrão. Trata-se de um conjunto de teorias, técnicas e valores de uma determinada época que, de tempos em tempos, entra em crise. No contexto, o paradigma da modernidade foi caracterizado pela racionalidade, cientificidade e esperança no progresso. Hoje, porém, esses conceitos de razão estão sendo reexaminados. A eles são contrapostos os valores instintivos e vitais, a sensibilidade, a imaginação e a recusa do progresso a qualquer custo.

5.1 Movimentos de reivindicação de direitos

De fato, a década de 1960 foi rica em protestos contra a sociedade conservadora, tais como a liberação sexual defendida nas comunidades *hippies* e o estopim da revolução estudantil de maio de 1968 na França, que se espalhou por todo o mundo.

Muitos desses movimentos reivindicavam a defesa dos direitos humanos – bem representados pela Anistia Internacional, fundada em 1961, e por grupos discriminados, como negros, indígenas, homossexuais e por motivos religiosos (figura 8). Os ambientalistas, por sua vez, contrapõem a preservação da natureza, por meio do desenvolvimento sustentável, ao progresso a qualquer custo.

O movimento feminista rompeu pouco a pouco a força do patriarcalismo, que predominou desde sempre nas sociedades centradas no poder masculino. Em decorrência disso, o modelo tradicional da família nuclear conjugal, composto de pai, mãe e filhos, foi substituído paulatinamente por diversas composições possíveis de relacionamento familiar. Por exemplo, divórcios, convivência de filhos de diversos casamentos, uniões não oficializadas, uniões de pessoas de mesmo sexo, o casal que vive em moradias diferentes, famílias monoparentais (em que os filhos vivem só com a mãe ou só com o pai) etc.

No entanto, esses movimentos de reivindicação e de emancipação não devem dar a ilusão de homogeneidade de comportamentos; ao contrário, o mundo contemporâneo encontra-se fendido por contradições.

8



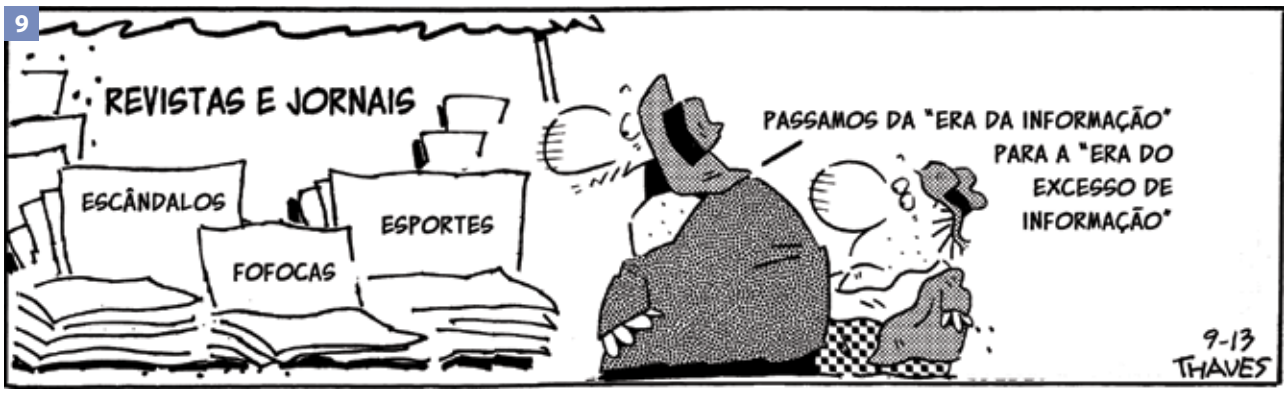
REPRODUÇÃO

Figura 8 • Nas mãos que saem do bueiro lê-se *wrong faith* ("crença errada"). Com essa propaganda, a Anistia Internacional denuncia as prisões determinadas por motivos religiosos.

5.2 A sociedade da informação

As consequências da formidável revolução da informática já se fazem sentir na cultura contemporânea. Voltando no tempo, imaginemos a mudança de paradigma que representaram, na Grécia antiga, a introdução do alfabeto fonético e, no Renascimento, a democratização do saber depois da invenção dos tipos móveis, que deu início à era da imprensa. Na contemporaneidade, imagens e sons integraram-se aos textos que circulavam nos livros, nas revistas e nos jornais, primeiro pelo cinema e pela televisão, depois por todos os canais que as recentes descobertas tecnológicas no campo da automação, da robótica e da microeletrônica tornaram possíveis.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



UNITED MEDIA/IPRESS

Figura 9 • O desafio dos novos tempos é sermos capazes de selecionar as informações e refletir sobre o significado delas.

Estamos vivendo a era da sociedade da informação e do conhecimento, que transformou de maneira radical os diversos setores de nossa vida. A mídia e a informática, a partir de uma rede de comunicação que nos põe em contato com qualquer pessoa ou grupo de qualquer lugar do planeta, aceleraram o processo de globalização.

Os computadores pessoais são hoje janelas para o mundo. Possibilitam troca de arquivos, acesso a bancos de dados internacionais, divulgação de pesquisas, correio eletrônico e discussões em tempo real sobre os temas mais variados (figura 9).

Professor: Se, em um mundo letrado, ser analfabeto já constitui um prejuízo, em um mundo informatizado a exclusão será ainda mais grave, não só na comunicação, mas sobretudo na profissionalização, porque cada vez mais esse tipo de conhecimento e de habilidade tornou-se imprescindível no mercado de trabalho.

As grandes transformações do fim dos anos 1960 e meados da década de 1970 criaram, entre outras inovações, uma nova estrutura social dominante: a sociedade conectada em rede. Essa conectividade ocorre por meio das novas mídias nos mais diversos campos: na política, na economia, no narcotráfico, nas quadrilhas, na mídia internacional. Podemos imaginar as transformações que daí decorrem no campo do trabalho, do lazer, das relações de amizade, da família. E, consequentemente, o impacto nos nossos valores e crenças, de modo como nunca houve igual (figuras 10 e 11).

Reflita

Num país em que o analfabetismo ainda apresenta índices altos, é grande o número de pessoas, em plena era da informação, que não têm acesso a computadores: são os analfabetos digitais.

Figuras 10 e 11 • Homem trabalhando em tear, confeccionando um sari de seda. Tamil Nadu, na Índia. Corretor da Bolsa durante o pregão em Bombaim, Índia (2009). Profissões que convivem atualmente.



LUCA INVERNIZZI TETTONI/TIPS/OTHER IMAGES



PAL PILLAI/AFP/GETTY IMAGES

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 A cultura como construção humana

Por mais que adestremos os animais superiores para que aprendam comportamentos semelhantes aos dos humanos, eles jamais conseguirão transpor o limite que separa a natureza da cultura. Esse limiar encontra-se na linguagem simbólica, na ação criativa e intencional, na imaginação capaz de efetuar transformações inesperadas.

A cultura é, portanto, um processo que caracteriza o ser humano como ser de mutação, de projeto, que se faz à medida que transcende, que ultrapassa a própria experiência. O ser humano não se ajusta a um modelo nem é apenas o que as circunstâncias fizeram dele. Define-se pelo lançar-se no futuro, antecipando, por meio de projetos, sua ação consciente sobre o mundo.

É evidente que essa condição de certo modo fragiliza o ser humano, pois ele não se encontra, como os animais, em harmonia com a natureza. Ao mesmo tempo, o que seria mera fragilidade transforma-se justamente em sua força, a característica humana mais nobre: a capacidade de produzir sua própria história e de tornar-se sujeito de seus atos.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Faça a distinção entre a ação instintiva e a ação inteligente. Dê exemplos.

A ação instintiva é dada biologicamente; por ser sempre a mesma na espécie, é rígida e, por não resultar de projeto, é "cega". Já a inteligência supõe a capacidade de resolver problemas de maneira flexível. O castor, ao construir um dique, age instintivamente por repetir comportamentos da espécie; o cão treinado para localizar drogas age com inteligência porque sua ação é flexível, já que depende de agir em circunstâncias sempre novas.

2 Sob que aspectos a inteligência dos chimpanzés os aproxima do ser humano? E em que se distancia dele?

O chimpanzé assemelha-se ao ser humano pelo *insight*, que permite soluções criativas, e distingue-se dele por não fazer uso da linguagem. O animal se limita ao uso de sinais, enquanto o ser humano é capaz de simbolizar.

3 Como é possível conciliar a tradição com a ruptura? Explique e dê exemplos.

Toda ação humana parte de um solo comum, que supõe a língua, os valores, a técnica e os saberes herdados, conservados e superados pela crítica. Exemplos: as transformações da arte, da ciência, das técnicas, das religiões etc.

4 Exemplifique o alerta de Heidegger, quando se refere ao mundo do "se".

Um grupo que, por exemplo, se opõe ao sistema e critica o modo de vestir e agir, embora entre eles também se vistam e ajam de maneira igual.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.



AKG IMAGES/LATINSTOCK

1 Informe-se sobre a história de Tarzã, obra de Edgar Rice Burroughs. Com base no que foi estudado neste capítulo e no texto sobre Kaspar Hauser, explique por que a história de Tarzã é inverossímil.

O primeiro livro foi escrito em 1912 e logo se transformou em filme, com várias versões. Conta a história de um casal de ingleses mortos na selva africana. O bebê foi criado por macacos e aprendeu a ler sozinho, com os livros dos pais, tornando-se chefe da tribo. Pelo que vimos sobre Kaspar Hauser, em um primeiro momento, é impossível aprender fora do convívio humano.

2 A partir da citação abaixo de Maurice Merleau-Ponty, explique o que significa dizer que para o ser humano "tudo é natural e tudo é fabricado". Dê exemplos.

> É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de "naturais" e um mundo cultural ou espiritual fabricado. No homem, tudo é natural e tudo é fabricado, como se quiser, no sentido em que não há uma só palavra, uma só conduta que não deva algo ao ser simplesmente biológico – e que ao mesmo tempo não se furte à simplicidade da vida animal.
>
> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 257.

Para o ser humano nunca há "pura natureza", porque a vida humana é carregada de sentido, de significados que damos a ela a todo momento. Por exemplo, a fome e o ato de comer são de natureza biológica, mas quando nos referimos a como comemos e ao que comemos estamos no âmbito da cultura. O mesmo ocorre com a sexualidade, que para o ser humano é erotismo: o sexo como linguagem.

3 Leia a citação abaixo, do jurista e filósofo italiano Norberto Bobbio, e em seguida responda às questões.

> Apenas a democracia permite a formação e a expansão das revoluções silenciosas, como foi, por exemplo, nestas últimas décadas a transformação das relações entre os sexos – que talvez seja a maior revolução dos nossos tempos.
>
> BOBBIO, Noberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 39.

a) Por que só a democracia permitiria as "revoluções silenciosas"?

A democracia exige o diálogo, e não o confronto violento; a ação democrática é movida pela persuasão, pela exposição e pela discussão de ideias.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) Você concorda que a mudança na relação de gêneros "talvez seja a maior revolução dos nossos tempos"? Justifique.

Resposta pessoal.

4 Relacione o tema do capítulo com a citação do filósofo francês Blaise Pascal:

> O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante.
>
> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 127. (Coleção Os Pensadores.)

Resposta pessoal.

Professor: Se a resposta for positiva: a posição tradicional da mulher a restringia à função biológica de gerar filhos e nutri-los, além de acatar os valores dos homens a respeito dela. Com sua emancipação, a família patriarcal tende a desaparecer, devido à alteração nas relações entre homem e mulher, que se tornam igualitárias e dão origem a novos tipos de casal.

Professor: Pode-se retomar a temática do capítulo comparando o ser humano com o animal, conforme a capacidade humana de representar o mundo simbolicamente.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação

(**UFMG, adaptado**) Leia este texto em que o filósofo renascentista Pico della Mirandola imagina um discurso dirigido pelo Criador a Adão:

> Adão, não te atribuímos nem lugar certo, nem aparência que te seja própria, nem alguma função específica, para que detenhas e explores aquele lugar, aparência e função que com segurança tenhas preferido, segundo tua escolha e decisão. A natureza limitada de todas as outras coisas está restringida por leis prescritas por nós. Tu, por nenhuma restrição limitado, por teu próprio arbítrio, em cuja mão eu te pus, determinarás a tua natureza. (...) Não te fizemos nem celestial nem terreno, mortal nem imortal, para que, de ti próprio, erijas, como um escultor ou narrador livre e honrado, em segurança, a forma que preferires.
>
> MIRANDOLA, Pico della. *Discurso sobre a dignidade humana*. § 5. p. 18-22. (Tradução do original em latim.)

Com base na leitura do texto e em outros conhecimentos sobre o assunto, redija em seu caderno um texto em que identifique a característica fundamental da ideia de dignidade humana, presente no título da obra.

Redação pessoal.

Professor: Como renascentista, o autor já reflete sobre um ser humano livre, dono de sua vontade; ao contrário das coisas naturais, é ele próprio que se faz. O aluno pode privilegiar vários aspectos, como as lutas de reivindicação de direitos que visam restituir aos grupos excluídos a dignidade perdida. Segundo Kant, enquanto as coisas têm preço, as pessoas têm dignidade, isto é, são seres racionais com individualidade e vontade própria.

CAPÍTULO 2

Trabalho e alienação

1 Uma comparação



AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 1 • Há algo de lúdico nesta pintura de Fernand Léger (1881-1955), intitulada *Os construtores*. Os operários nos andaimes parecem equilibristas de circo em trapézios.

Observe a reprodução da tela do pintor francês Fernand Léger (1881-1955), à qual contrapomos uma estrofe de "Construção", de Chico Buarque (figura 1). A tela e a letra da canção retratam duas realidades possíveis: o prazer do trabalho e seus riscos. Esse é o tema que oferecemos para reflexão neste capítulo.

> E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
> E flutuou no ar como se fosse um pássaro
> E se acabou no chão feito um pacote flácido
> Agonizou no meio do passeio público
> Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.
>
> HOLLANDA, Chico Buarque de. *Construção*. Phonogram, 1971.

Na letra da música, composta em 1971, os versos repetem-se com variações inventivas, em que predominam as proparoxítonas. Num primeiro momento, o tema remete aos operários da construção civil, vítimas diárias dos acidentes de trabalho, mas fala também de qualquer pessoa cuja morte – real ou simbólica – parece indiferente às demais.

2 Trabalho como tortura?

Talvez você já tenha visto camisetas com a estampa do simpático (e preguiçoso) gato Garfield e a frase "Odeio segunda-feira", representando o sentimento quase universal de desânimo diante do trabalho. De fato, enquanto o próximo e desejado fim de semana não chega, busca-se alento no *happy hour*, como se a "hora feliz" só pudesse existir no tempo após trabalho.

Confirmando esse sentido negativo, a própria palavra *trabalhar* deriva do latim *tripaliare*, que significava martirizar com *tripalium*, um instrumento formado por três paus, próprio para atar os condenados ou para manter presos os animais difíceis de ferrar. A origem comum identifica o trabalho à tortura.

Se a vida humana depende do trabalho, e este causa tanto desprazer, só podemos concluir que estamos condenados à infelicidade. Para reverter esse quadro pessimista, vejamos os aspectos positivos do trabalho.

3 A humanização pelo trabalho

O ser humano inaugura o mundo da cultura pela capacidade de simbolizar. Por mudar conforme a época e o lugar, a cultura humana faz história, isto é, as gerações conservam certas práticas aprendidas e modificam outras. Pelo trabalho a

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



CAETANO BARREIRA/OLHAR IMAGEM

Figura 2 • A antiga Estação Sorocabana foi adaptada para acolher a Sala São Paulo, que reúne arquitetura, música, o trabalho do maestro e dos músicos da orquestra, dos compositores de vários períodos e o público fruidor do espetáculo.

natureza é transformada mediante o esforço coletivo para arar a terra, colher seus frutos, domesticar animais, modificar paisagens e construir cidades. E não só, pois pelo trabalho surgem instituições, como a família, o Estado e a escola, e obras de pensamento, como o mito, a ciência, a arte e a filosofia (figura 2).

Podemos dizer que o ser humano realiza-se pelo trabalho, porque, ao mesmo tempo que produz coisas, torna-se humano, constrói a própria subjetividade, desenvolve a imaginação, aprende a relacionar-se com os demais, a enfrentar conflitos, a exigir de si mesmo a superação de dificuldades. Enfim, com o trabalho, ninguém permanece o mesmo, porque modifica e enriquece a percepção do mundo e de si próprio.

Reflita

Para se emancipar, a mulher precisou ter amplo acesso ao mercado de trabalho, porque só assim poderia garantir sua autonomia financeira em relação ao homem (pai ou marido), para construir uma nova identidade e tornar-se mais livre em suas escolhas.

Como condição de humanização, o trabalho liberta, viabilizando projetos e concretizando sonhos. Se, num primeiro momento, a natureza apresenta-se como destino, o trabalho é a possibilidade da superação desse aprisionamento. Nesse sentido, a liberdade não é dada, mas resulta da ação humana transformadora.

Nem sempre, porém, prevalece essa concepção positiva, sobretudo quando as pessoas são obrigadas a viver de um trabalho não escolhido, que resulta de relações de exploração. Estamos, portanto, diante de um impasse: o trabalho é tortura ou emancipação? Se voltarmos nosso olhar para a história, para ver como as pessoas trabalham e o que pensam sobre o trabalho, teremos uma visão mais clara dessa contradição.

4 Ócio e negócio

Nas sociedades tribais, as tarefas são distribuídas de acordo com a força e a capacidade. Os homens caçam e derrubam as árvores para preparar o terreno das plantações, enquanto as mulheres semeiam e fazem a coleta. Como essas funções se baseiam na cooperação e na complementação, e não na exploração, tanto a terra como os frutos do trabalho pertencem a toda a comunidade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 3 • O ginásio na Grécia antiga era o local onde os jovens aprendiam esportes e lutas. Na imagem, xilogravura de Heinrich Leutemann (1824-1905).

Por que mudaria esse estado de coisas? Para Jean-Jacques Rousseau, filósofo do século XVIII, a desigualdade surgiu quando alguém, ao cercar um terreno, lembrou-se de dizer "isto é meu", criando assim a propriedade privada. Nesse momento, abriu-se caminho para a divisão social, para as relações de dominação e para a apropriação desigual dos frutos do trabalho. Assim, desde as mais antigas civilizações existe a divisão entre aqueles que mandam – e portanto projetam, concebem, inventam – e os que obedecem e executam. É o que se denomina **dicotomia** entre a concepção e a execução do trabalho.

Glossário

Dicotomia. Divisão em duas partes.

Essa divisão de funções pode indevidamente parecer natural, quando se considera que alguns têm mais talento para pensar, enquanto outros apenas são capazes de realizar atividades braçais. Um olhar mais crítico constata, no entanto, que não se trata da "natureza" dos indivíduos, mas que na sociedade existem mecanismos para manter essa divisão, não conforme a capacidade pessoal, mas segundo a classe a que cada um pertence.



MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Figura 4 • No século XV, o pintor flamengo Quentin Metsys retratou o cambista, antecessor dos banqueiros que financiaram o desenvolvimento do comércio e da indústria. *O banqueiro e sua esposa*, Louvre, Paris.

Entre os gregos e os romanos antigos, que viviam em sociedades escravagistas, era nítida a divisão entre as atividades intelectuais e braçais, com a evidente desvalorização desta última. Um dos indícios dessa divisão social era a educação, que era privilégio dos proprietários. Não por acaso, a palavra "escola" na Grécia antiga significava literalmente "lugar do ócio", onde as crianças dedicavam-se à ginástica, aprendiam jogos, música e retórica (figura 3).

Naquele tempo, porém, o termo *ócio* (*skolé*, em grego) não tinha o mesmo sentido que tem hoje. Para nós, **ócio** é o não fazer, é o descanso. Para os gregos, o "ócio digno" serve para gozar o tempo livre e dedicar-se às funções nobres de guerrear, fazer política, pensar, decidir. Entre os romanos, a palavra ócio (*otium*, no latim) manteve o sentido original grego, tanto que o trabalho para sustentar a vida era designado pela palavra negócio (*nec-otium*, "não ócio").

5 Uma nova concepção de trabalho

Até a Idade Média, a riqueza restringia-se à posse de terras, mas no fim desse período, e durante a Idade Moderna, as atividades mercantis e manufatureiras desenvolveram-se a tal ponto que a riqueza significava também a posse do dinheiro. Isso provocou a expansão das fábricas, que culminou com a Revolução Industrial, no século XVIII (figura 4).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Esses acontecimentos resultaram da ascensão da burguesia enriquecida, que valorizava a técnica e o trabalho, por ser constituída de um segmento originado dos antigos servos libertos, que tornou livres as cidades, antes controladas por senhores feudais.

5.1 As teorias da modernidade

O que diziam os pensadores da **modernidade** a respeito dessas mudanças nos séculos XVII ao XIX?

Francis Bacon (1561-1626), cujo lema era "saber é poder", criticou a base metafísica da física grega e medieval e realçou o papel histórico da ciência e do saber instrumental, aquele que seria capaz de dominar a natureza. Rejeitou as concepções tradicionais de pensadores "sempre prontos para tagarelar", mas "incapazes de gerar, pois a sua sabedoria é farta de palavras, mas estéril em obras".

> Pois elas [as noções gerais da física] me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual (...) poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.
>
> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 71. (Coleção Os Pensadores.)

Começa aí o ideal prometeico (figura 5) da ciência. Embora Bacon e Descartes seguissem linhas de reflexão diferentes e em certos pontos até antagônicas, ambos destacam que a ciência e a técnica são capazes de dominar a natureza. O enfoque na relação entre o pensar e o fazer havia mudado: enquanto na Idade Média o **saber contemplativo** era privilegiado em detrimento da prática, no Renascimento e na Idade Moderna deu-se a valorização da técnica e do conhecimento alcançado por meio da prática.

No campo político e econômico, eram elaborados os princípios do liberalismo. Quais foram as consequências das ideias liberais para o trabalho? Depois de superadas as relações de dominação entre os senhores e os servos, foi instituído o contrato de trabalho entre os indivíduos livres, o que significou o reconhecimento do trabalhador no campo jurídico.

Uma das novidades das ideias liberais é, portanto, a valorização do trabalho.

> Embora a terra e todas as criaturas inferiores sejam comuns a todos os homens, cada homem tem propriedade em sua própria pessoa; a esta ninguém tem qualquer direito senão ele mesmo. O trabalho do seu corpo e a obra de suas mãos, pode dizer-se, são propriamente dele. (...) Desde que esse trabalho é propriedade exclusiva do trabalhador, nenhum outro homem pode ter direito ao que se juntou, pelo menos quando houver bastante e igualmente de boa qualidade em comum para terceiros.
>
> LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 51-52. (Coleção Os Pensadores.)

Glossário

Modernidade. Ou Idade Moderna. É o período que começa no Renascimento, em oposição à tradição medieval, e valoriza o espírito crítico e a racionalidade científica. Seus principais representantes são Francis Bacon, Galileu Galilei e René Descartes.

Saber contemplativo. Trata-se de um conceito com vários sentidos. Nesse contexto, significa saber puramente teórico, restrito à atividade da mente, um olhar atento e desinteressado, ou seja, sem finalidade prática imediata.

5



MUSEU GUSTAVE MOREAU, PARIS

Figura 5 • Segundo a mitologia grega, Prometeu roubou dos deuses o fogo, símbolo da técnica e do trabalho, para dá-lo aos seres humanos. Como castigo, Zeus determinou que um abutre comesse o fígado de Prometeu, que sempre renascia, para que o suplício dele fosse eterno. *Prometeu* (1868), de Gustave Moreau, óleo sobre tela, Museu Gustave Moreau, Paris.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 O trabalho como mercadoria: a alienação

No século XIX, o resplendor do progresso alcançado pela Revolução Industrial não ocultava a questão social. A exploração dos operários era explícita. As extensas jornadas de trabalho, as péssimas instalações, os salários baixos, a arregimentação de crianças e de mulheres como mão de obra barata eram exemplo disso. Esse estado de coisas desencadeou os movimentos socialista e anarquista.

O filósofo e economista alemão Karl Marx (1818-1883) criticou a visão otimista do trabalho, embora não deixe de vê-lo como condição de liberdade. Aliás, é justamente esse o ponto central de seu raciocínio: a pessoa deve trabalhar para si, para fazer-se a si mesma um ser humano. O que não significa trabalhar sem compromisso com os outros, pois todo trabalho é tarefa coletiva e, como tal, visa ao bem comum.

O que Marx criticava? Ele negava que a nova ordem econômica do liberalismo fosse capaz de possibilitar a igualdade entre as partes, porque o trabalhador sempre perde mais do que ganha, já que produz para outro: a posse do produto lhe escapa. Nesse caso, é ele próprio que deixa de ser o centro de si mesmo. Não escolhe o salário, pois este lhe foi imposto. Não escolhe o horário nem o ritmo de trabalho; é comandado de fora, por forças que não controla. O resultado é a pessoa tornar-se estranha, alheia a si própria: é o fenômeno da **alienação** (figura 6).

Glossário

Alienação. Do latim *alienare*, "afastar"; *alienus*, "que pertence a um outro"; *alius*, "outro". Portanto, alienar, sob determinado aspecto, é tornar alheio, transferir para outrem o que é seu.

6



ERICH LESSING/ALBUM/ALBUM ART/LATINSTOCK

Figura 6 • O pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944) retrata a opressão e a ansiedade do trabalhador. Neste quadro, intitulado *Operários de volta para casa* (1913), veem-se pessoas de rostos pálidos, olhares perdidos, que mais parecem fantasmas, depois de um dia de trabalho exaustivo.

6.1 Alienação na produção

Para Marx, a alienação não é um conceito puramente teórico, porque se manifesta na vida real quando o produto do trabalho deixa de pertencer a quem o produziu. Na economia capitalista, prevalece a lógica do mercado, em que tudo tem um preço, isto é, adquire um valor de troca, diferentemente de quando fabricamos o que é necessário para a existência (casas, roupas, livros), ou seja, produtos que têm utilidade vital e, por isso, adquirem um valor de uso.

No novo contexto capitalista, ao vender sua força de trabalho mediante o pagamento de salário, o operário transforma-se em mercadoria. É o que Marx chama

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

de fetichismo da mercadoria e reificação do trabalhador. Vejamos o que significam esses conceitos:

- **Fetichismo** é o processo pelo qual a mercadoria, um ser inanimado, adquire "vida" porque os valores de troca se tornam superiores aos valores de uso e determinam as relações humanas, ao contrário do que deveria ocorrer. Desse modo, a relação entre os produtores não se faz entre eles próprios, mas entre os produtos de seu trabalho. Por exemplo, não são as relações entre o alfaiate e o carpinteiro, mas entre o casaco e a mesa, que são equiparadas a uma medida comum de valor.
- **Reificação** é a transformação dos seres humanos em coisas. Em outras palavras, a humanização da mercadoria leva à desumanização da pessoa, à sua coisificação, isto é, o indivíduo é transformado em mercadoria (figura 7).

7



DACS/GIRAUDON/THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE

Figura 7 • Nesta tela de clima insólito, intitulada *O trovador*, Giorgio de Chirico torna visível o invisível: a solidão, o silêncio, a ausência de sentido de um ser humano que mais parece um manequim.

O que é fetiche?

Nas práticas míticas, o "fetiche" (ou "feitiço") é um objeto ao qual se atribui poder sobrenatural. A semelhança entre esse sentido mítico e o fetichismo da mercadoria é que objetos inertes, sem vida, ou partes de um todo se tornam metaforicamente "animados", "humanizados".

Mas a alienação não se aplica apenas à produção do trabalhador; ela ocorre também nas formas de consumo.

7 A era do olhar: a disciplina

Outros pensadores investigaram as mudanças decorrentes do surgimento do capitalismo e das fábricas, mas dessa vez por um ângulo diferente, o da instauração da era da disciplina. Segundo Michel Foucault (1926-1984, figura 8), um novo tipo de disciplina facilitou a dominação mediante a "docilização" do corpo.

Para exemplificar, voltemos à França do século XVIII. A historiadora francesa contemporânea Michelle Perrot relata a descrição feita por um inspetor de manufaturas de uma oficina têxtil com cerca de 100 metros de comprimento, pavimentada por lajes e iluminada por 50 janelas com tela branca:

8



JEAN-PIERRE FOUCHET/RAPHO/OTHER IMAGES

Figura 8 • Foucault pesquisou a mudança dos comportamentos no início da Idade Moderna, sobretudo nas instituições prisionais e nos hospícios, a fim de compreender os processos da produção dos saberes.

> No meio dessa sala um canal coberto com lajes entreabertas, cada fiandeira vai, *em silêncio*, tirar a água de que precisa [para a fiação]. Essa oficina, à primeira vista, surpreende o visitante pela quantidade de pessoas aí empregadas, pela ordem, pela limpeza e *pela extrema subordinação* que aí reina... Contamos 50 rocas duplas (...) ocupadas por 100 fiandeiras e o mesmo tanto de dobradeiras, tão *disciplinadas como tropas*.
>
> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 57-58.

A historiadora destaca em itálico a nova maneira de trabalhar, representada por dois modelos disciplinares: o religioso (silêncio) e o militar (hierarquia, disposição em fileiras). A disciplina era mantida pelos supervisores, que avaliavam a

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

qualidade do serviço, evitavam brigas e faziam cumprir os severos regulamentos por meio de proibições (não falar alto, não dizer palavrões, não cantar), regras de horários (o início da "tirania" do relógio para a entrada, a saída e os intervalos) e ainda impunham penalidades, como multas, advertências, suspensões e demissões, de acordo com a gravidade da falta.

Na nova estrutura, o olhar vigilante sobressai de maneira decisiva. A organização do tempo e do espaço imposta na fábrica não é, porém, um fenômeno isolado. Nos séculos XVII e XVIII, formou-se a chamada "sociedade disciplinar", com a criação de instituições fechadas, voltadas para o controle social, tais como prisões, orfanatos, reformatórios, asilos de miseráveis e "vagabundos", hospícios, quartéis e escolas.

Foucault aproveita a descrição feita pelo jurista Jeremy Bentham (século XVIII) de um projeto denominado *Panótico* (literalmente "ver tudo", figura 9), em que ele imagina uma construção de vidro, em anel, para alojar loucos, doentes, prisioneiros, estudantes ou operários. Controlados de uma torre central, de onde se tem visão absoluta, o resultado é a interiorização do olhar que vigia, de modo que cada um não perceba a própria sujeição.

9



UNDERWOOD PHOTO ARCHI/ SUPERSTOCK
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 9 • A penitenciária de Stateville, Estados Unidos, foi inspirada nas teorias do jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832), que descreveu a hierarquia institucional de uma prisão em seu *Panótico*.

> Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo (...). Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).
>
> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 126-127.

Reflita

Hoje, o cidadão comum vive sob a vigilância dos sistemas eletrônicos, que estão em todos os lugares: nos prédios residenciais, empresariais, comerciais, nas ruas e nas estradas. Perguntamos: quais são as vantagens desses aparatos? Quais são seus riscos?

As vantagens são o controle de roubos, o controle de excesso de velocidade, a segurança; riscos são o monitoramento do comportamento dos cidadãos, a perda de liberdade e a exposição da privacidade.

8 O trabalho "em migalhas"

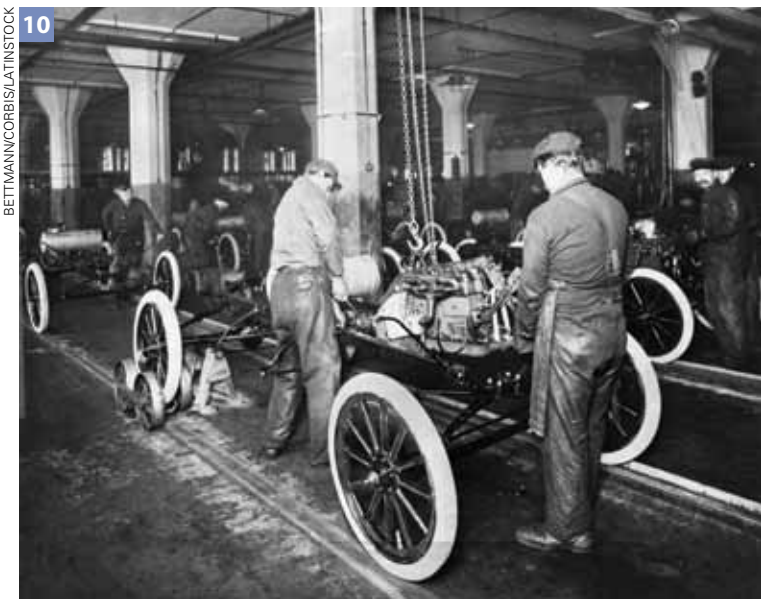
No início do século XX, o engenheiro americano Frederick Taylor (1856-1915) estabeleceu um método de organização do trabalho que ficou conhecido como taylorismo. Partindo do princípio de que os operários são indolentes e não sabem usar seus gestos de modo econômico, Taylor estabeleceu um "controle científico" de medição por meio de cronômetros, para que a produção fabril fosse cada vez mais simples e rápida.

A mesma intenção de aumentar a produtividade levou Henry Ford (1863-1947), também americano, a introduzir o uso da esteira na linha de montagem e o processo de padronização ou estandardização da produção em série na sua fábrica de automóveis (figura 10). O parcelamento das tarefas reduziu a atividade a gestos mínimos, o que aumentou a produção de maneira incrível, mas também transformou o trabalho em migalhas: cada operário produzia apenas uma parte do produto.

A aparente neutralidade do processo mascara um conteúdo ideológico eminentemente político: trata-se, na verdade, de uma técnica social de dominação. A chamada racionalização do processo de trabalho trouxe em si uma irracionalidade básica, ao desvalorizar o ritmo do corpo, o sentimento, a imaginação, a inventividade humana. Com o taylorismo, a coação visível de um chefe foi substituída por maneiras mais sutis de submeter o operário, porque as orientações vindas do setor de planejamento tornam a ordem impessoal. Ao retirar toda iniciativa pessoal, o operário tem o corpo modelado segundo critérios exteriores, ditos científicos, fazendo com que ele interiorize a norma.

Aliada à lógica da produção em série, nascia a sociedade de consumo, com patrocinadores, anunciantes, facilidades de crediário e campanhas publicitárias veiculadas, naquele tempo, sobretudo pelo rádio. Desse modo, as fábricas não só lançavam um produto na praça como também produziam o consumidor.

10



BETTMANN/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 10 • Com o sistema de linha de montagem, a produção de carros e os lucros de Henry Ford aumentaram vertiginosamente, mas o operário foi submetido ao trabalho fragmentado e repetitivo.

9 Novos tempos na fábrica

A partir das décadas de 1970 e 1980, mudanças radicais no modo de trabalhar repercutiram tanto na cidade como no campo. Com a implantação de tecnologias de automação, robótica e microeletrônica, surgiram novos padrões de produtividade. As fábricas quebraram a rigidez do fordismo e do taylorismo quando diversas empresas implantaram sistemas mais flexíveis, que atenderiam

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

os pedidos na medida da demanda, com planejamento a curto prazo. Com esse novo processo privilegiou-se o trabalho em equipe, a descentralização da iniciativa, com maior possibilidade de participação e decisão, além da necessidade de polivalência da mão de obra, já que o trabalhador deve controlar diversas máquinas ao mesmo tempo.

Reflita

Em julho de 2008 as autoridades do trabalho japonesas reconheceram que um importante funcionário da Toyota, de 45 anos, morreu devido ao excesso de trabalho, um mal conhecido no país como "karoshi". (...) De acordo com a agência Associated Press, a empresa soltou uma nota de pêsames e afirmou que vai melhorar o controle sobre a saúde de seus profissionais.

UOL Notícias, 9 jul. 2008. Disponível em: <http://carros.uol.com.br/ultnot/2008/07/09/ult634u3082.jhtm>. Acesso em: 9 jun. 2009.

Outra característica dos novos tempos na fábrica foi o enfraquecimento dos sindicatos a partir do fim da década de 1980, o que afetou a capacidade de reivindicação de novos direitos e a manutenção das conquistas alcançadas.

10 Da fábrica para o escritório

Na segunda metade do século XX, notou-se o deslocamento da mão de obra para o setor de serviços. Hoje, há mais trabalhadores no comércio, no transporte e nos serviços de escritório em geral do que nas fábricas ou no campo, que dependem do desenvolvimento de técnicas de informação e comunicação. De fato, em nosso cotidiano, consumimos serviços de publicidade, pesquisa, comércio, finanças, saúde, educação, lazer, turismo etc. Nos escritórios, a comunicação é ampliada e torna-se cada vez mais ágil. Quase instantânea, é veiculada em âmbito mundial pela expansão das redes de telefonia e das **infovias** (figuras 11 e 12).

Glossário

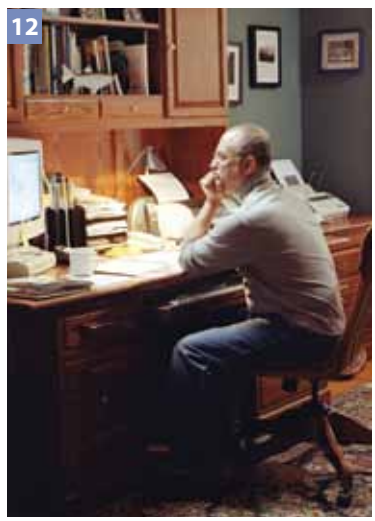
Infovia. Infraestrutura para transmissão de voz, dados e imagem por fibra óptica.

11



EDMUND SUMNER/VIEW/OTHER IMAGES

12



PM IMAGES/ PHOTOGRAPHER'S CHOICE/GETTY IMAGES

Figuras 11 e 12 • Os recursos da microeletrônica têm facilitado a nova estrutura do teletrabalho (trabalho a distância), o que permite maior autonomia e flexibilidade de horário, desobrigando as pessoas de se deslocarem diariamente para o local de trabalho e, em alguns casos, até viabilizando o trabalho em casa.

Reflita

Algumas empresas contemporâneas têm proposto compromissos com a qualidade de vida dos funcionários e com a natureza, que sofre as agressões de procedimentos que não levam em conta a sustentabilidade. Se esses propósitos podem coexistir com o espírito capitalista, centrado no lucro, é o que se verá com o tempo. Você conhece algum programa desse tipo?

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

11 Crítica à sociedade administrada

Sobre a questão da produção e do consumo debruçaram-se inúmeros filósofos, entre os quais destacamos os pensadores da Escola de Frankfurt.

Escola de Frankfurt

A teoria crítica da Escola de Frankfurt surgiu na década de 1930 com a fundação do Instituto para a Pesquisa Social, em Frankfurt, na Alemanha, e reuniu intelectuais de diversas orientações teóricas, tais como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e, numa segunda fase, Jürgen Habermas.

Para os frankfurtianos, chegamos ao impasse que nos deixa perplexos diante da técnica – apresentada de início como libertadora – e que pode se mostrar, afinal, artífice de uma ordem tecnocrática opressora. A técnica aplicada ao trabalho tem provocado a alienação do trabalhador e o esgotamento dos recursos naturais (figura 13).

Horkheimer critica a razão pragmática que se explicita no projeto de dominação da natureza e adverte:

> A história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem.
>
> HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução Sebastião Uchôa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976. p. 116.

A razão pragmática é a razão instrumental, que serve a qualquer fim, sem averiguar se ele é bom ou mau. Na sociedade capitalista, os interesses definem-se pelo critério da eficiência, já que a organização das forças produtivas tem em vista atingir níveis sempre mais altos de produtividade e de competitividade. Mas onde a técnica é o principal, a pessoa deixa de ser fim para se tornar meio de qualquer coisa que se acha fora dela. Além disso, a relação com a natureza não deveria ser de domínio, e sim de harmonia. Na sociedade da total administração, segundo a expressão de Horkheimer e Adorno, os conflitos são dissimulados e a oposição desaparece.

13



KEREN SU/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 13 • A intensificação do efeito estufa na atmosfera provoca o derretimento dos gelos polares, interferindo na vida nativa e causando inundações.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

12 Para onde vamos?

As maneiras de trabalhar mudam conforme a época e o lugar, assim como variam as concepções que temos sobre essas atividades humanas. Nas últimas décadas, porém, presenciamos transformações extremamente rápidas, que alteraram de maneira drástica nosso modo de vida.

No início do século XX, a introdução da produção em série nas linhas de montagem foi marcante, apesar de seus efeitos alienantes no campo do trabalho e do consumo. Nada se compara, porém, ao impacto causado no fim do milênio com a instauração da automação, e também da informática, o que possibilitou a comunicação em tempo real nas fábricas, nos escritórios e no campo.

Tudo isso aumenta nossa responsabilidade, tanto no plano pessoal como no coletivo. Apesar dos benefícios alcançados por nossa civilização, há um grande número de pessoas excluídas do sistema e o desequilíbrio ecológico agrava-se a cada dia. O importante é que se verifique, a todo o momento, em que medida as atividades do trabalho, do consumo e do lazer estão a serviço da humanização e da sustentabilidade do planeta e quando se desviam desses objetivos principais.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Explique o trabalho como tortura e como condição de humanização. Em seguida, posicione-se pessoalmente sobre a questão.

Quando não desejado, o trabalho é tortura, porque é imposto, desinteressante ou penoso, e se faz só por necessidade de sobrevivência. É condição de humanização quando desenvolve a imaginação, estimula a convivência, modifica e enriquece a percepção do mundo e de si próprio.

2 Distinga a concepção de trabalho na Antiguidade e na Idade Moderna.

Na Antiguidade o trabalho manual era desvalorizado porque era feito por escravos ou apenas com o objetivo de sobrevivência. Na Idade Moderna, com a ascensão da burguesia, o trabalho e a técnica foram valorizados, e a servidão foi substituída pelas relações contratuais entre patrões e empregados, embora não se evitasse a exploração do trabalhador.

3 Explique o que Marx entende por fetichismo da mercadoria e reificação do trabalhador.

Pelo fetichismo os objetos inanimados adquirem "vida" porque determinam as relações humanas. Pela reificação o ser humano é "coisificado", transformado em mercadoria.

4 Releia o texto de Foucault, no tópico "A era do olhar: a disciplina" e explique a relação que ele estabelece entre a disciplina, a utilidade e a obediência.

A nova disciplina da modernidade desenvolve habilidades que aumentam a possibilidade de produzir coisas úteis, ao mesmo tempo que "dociliza" o indivíduo e o prepara para obedecer.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Interprete a frase de Aristóteles com base na concepção de trabalho da Grécia antiga: "(...) se as lançadeiras tecessem e as palhetas tocassem cítaras por si mesmas, os construtores não teriam necessidade de auxiliares e os senhores não necessitariam de escravos" (*Política*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p. 18).

Como vivia numa sociedade escravagista, Aristóteles justifica a necessidade dos escravos: como não havia máquinas (autômatos) e os cidadãos viviam o "ócio digno", não restava alternativa para garantir a sobrevivência da sociedade.

2 A era da flexibilização do trabalho exige que todos os trabalhadores sejam alfabetizados, mas também que se ofereça outro tipo de educação aos jovens, diferente da tradicional. Explique por quê.

As mudanças na maneira de trabalhar exigem que os indivíduos sejam mais criativos, tenham iniciativa e não apenas repitam gestos automáticos. Além disso, as profissões mudam rapidamente.

3 La Fontaine viveu na França do século XVII. Escreveu muitas fábulas, entre as quais "A cigarra e a formiga", que muitos conhecem. Estabeleça a relação entre essa fábula e a nova maneira de organizar a disciplina do trabalho. Em seguida, baseando-se nos tempos atuais, invente outro final para a história.

Resposta pessoal.

Professor: Em plena época da ascensão da burguesia, essa fábula exalta o trabalho e desmerece o prazer do ócio, a alegria da música, como se o cantar da cigarra fosse um fazer menor. Outro final seria a valorização da atividade da cigarra, inclusive como trabalho possível.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 (**UEL-PR**) Analise a figura a seguir.



CHAPLIN/UNITED ARTISTS/ALBUM/LATINSTOCK

> Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação das massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. Assim, o progresso ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a ideia de homem.
>
> HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução Sebastião Uchôa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976. p. 6.

Com base no texto, na imagem e nos conhecimentos sobre a racionalidade instrumental, é correto afirmar:

a) A imagem de Chaplin está de acordo com a crítica de Horkheimer: ao invés de o progresso e a técnica servirem ao homem, este se torna cada vez mais escravo dos mecanismos criados para tornar a sua vida melhor e mais livre.

b) A imagem e o texto remetem à ideia de que o desenvolvimento tecnológico e o extraordinário progresso permitiram ao homem atingir a autonomia plena.

c) A imagem e o texto apresentam o conceito de racionalidade que está na estrutura da sociedade industrial como meio de viabilizar a emancipação do homem em relação a todas as formas de opressão.

d) Enquanto a imagem de Chaplin apresenta a autonomia dos trabalhadores nas sociedades contemporâneas, o texto de Horkheimer mostra que, quanto maior for o desenvolvimento tecnológico, maior será o grau de humanização.

e) Tanto a imagem quanto o texto enaltecem a inevitável instrumentalização das relações humanas nas sociedades contemporâneas.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação

Professor: A ideia é explicar que às vezes essa frase sustenta uma ideologia que esconde a alienação do trabalho que explora e não respeita a dignidade humana.

Elabore uma dissertação no seu caderno com o tema "O trabalho dignifica o ser humano". Quando isso é verdade? Quando é engano?

CAPÍTULO 3

Consumo e lazer

1 Um novo tempo do consumo

A exploração e a alienação da produção estendem-se ao consumo. Ao prosperarem materialmente, os trabalhadores compartilham do espírito do capitalismo e são atraídos pelas promessas da sociedade de consumo. Os centros de compras transformam-se em catedrais do consumo, verdadeiros templos cujo apelo constante às novidades torna tudo descartável e rapidamente obsoleto. Com as facilidades da internet, já se pode comprar até sem sair de casa. Vendem-se coisas, serviços e ideias. Isso não significa, porém, que todo consumo seja alienado: o consumo também pode ser consciente e criativo (figura 1).

1



ERICH LESSING/ALBUM/ALBUM ART/LATINSTOCK

Figura 1 • O pintor alemão August Macke (1887-1914) retrata uma mulher que aprecia uma vitrine de chapéus, peça que fazia parte da indumentária feminina. Aqueles que desde criança conhecem um *shopping center* não têm ideia do que representava o hábito de comprar em tempos passados. *A chapelaria* (1914), óleo sobre tela, 60,5 × 50,5 cm.

2 O consumo consciente

Consumir é um ato humano por excelência, que nos permite atender a necessidades vitais, próprias da sobrevivência, como alimentar-se, vestir-se e ter onde morar. Mas não só. O consumo tem a ver com tudo que estimula o crescimento humano em suas múltiplas e imprevisíveis direções e, como tal, oferece condições para nos tornarmos melhores (figura 2).

Pelo consumo consciente participamos como pessoas inteiras, movidas pela sensibilidade, imaginação, inteligência e liberdade. Por exemplo, não comemos e bebemos apenas para matar a fome ou a sede, temos preferências que o paladar apura e usamos de criatividade para inventar pratos e bebidas saborosos.

Igualmente, quando compramos roupas, levamos em conta diversos fatores: a proteção do corpo contra o frio e o calor, o resguardo por pudor ou a intenção de parecer atraente. Usamos de imaginação ao combinar as peças e, mesmo quando seguimos as tendências da moda, desenvolvemos um modo próprio de vestir, ou então não damos importância a isso e nos vestimos de forma despojada.

2



CHADEHLERS/NORDICA/LATINSTOCK

Figura 2 • O consumo dá ao indivíduo provisoriamente a sensação de saciedade e satisfação. Dessa forma, ele sente-se inserido socialmente.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Nesse sentido, as necessidades de consumo variam conforme a cultura e também dependem de cada indivíduo. O que se observa é que o consumo nunca serve apenas para atender às necessidades humanas, pois ele assume um caráter simbólico quando emprestamos significados àquilo que desejamos comprar: satisfação física, intelectual ou espiritual, que podem variar da aspiração ao *status* social ao desejo de não chamar a atenção, daquele que quer demonstrar força e poder àquele que espera apenas por comodidade e sossego.

Enfim, o consumo nunca é um fim em si, mas um meio para outra coisa qualquer. Caso contrário, transforma-se em consumismo.

3 O consumo alienado



JENNIE HART/ALAMY/OTHER IMAGES

Figura 3 • As crianças são mais sensíveis aos insistentes apelos da publicidade.

Num mundo em que predomina a produção alienada, o consumo também tende a ser alienado. A produção em massa tem por corolário o consumo em massa. O problema da sociedade de consumo é que se estimulam as necessidades e criam-se outras supérfluas, sobretudo pelos meios de comunicação de massa, que levam os indivíduos a consumir de maneira alienada (figura 3).

O consumo alienado degenera em consumismo quando se torna um fim em si e não um meio, provocando desejos nunca satisfeitos, um sempre querer mais, um poço sem fundo. A ânsia do consumo perde toda relação com as necessidades reais, e isso faz com que as pessoas gastem mais do que precisam e, às vezes, mais do que têm.

A organização dicotômica do trabalho, pela qual se separam a concepção e a execução do produto, reduz as possibilidades de o trabalhador encontrar satisfação na maior parte de sua vida, enquanto se sente obrigado a realizar tarefas desinteressantes e penosas. Muitas vezes, essa situação cria a necessidade de se proporcionar prazer pela posse de bens.

Reflita

Se pudéssemos examinar os bastidores da fabricação de muitas roupas de marca, veríamos tecelagens que produzem rápido à custa de mão de obra barata, principalmente de mulheres. É o caso de países como Guatemala, Honduras, Argélia, Turquia, Malásia e tantos outros, incluindo o Brasil. Mas nada disso é percebido quando se olham as vitrines.

O comércio facilita a realização dos desejos ao parcelar os gastos, promover liquidações e ofertas de ocasião, estimular o uso de cartões de crédito e de compras pela internet. As mercadorias saem rapidamente de moda porque seu *design* se tornou antiquado ou porque uma nova mercadoria se mostrou mais apropriada, instigando a compra de televisões, geladeiras, celulares ou carros novos.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

Antigamente, os jovens eram submetidos à coerção do comportamento por meio de regras rígidas; hoje, a educação é mais aberta, menos autoritária. Mas a publicidade não seria um tipo de coerção camuflada?

3.1 Marcuse: a unidimensionalidade

O filósofo Herbert Marcuse (1898-1979), integrante da Escola de Frankfurt, chama de unidimensional o indivíduo que perdeu sua dimensão crítica e, por isso, não percebe a exploração de que é vítima, tanto no trabalho como no consumo. Ele afirma que é preciso distinguir as necessidades vitais das falsas necessidades, para que a satisfação do indivíduo não se reduza a uma "euforia na infelicidade".

> A maioria das necessidades comuns, de descansar, distrair-se, comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence a essa categoria de falsas necessidades. Tais necessidades têm um conteúdo e uma função sociais determinados por forças externas sobre as quais o indivíduo não tem controle algum; o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são **heterônomos**. Independentemente do quanto tais necessidades possam ter se tornado do próprio indivíduo, reproduzidas e fortalecidas pelas condições de sua existência; independentemente do quanto ele se identifique com elas e se encontre em sua satisfação, elas continuam a ser o que eram de início – produtos de uma sociedade cujo interesse dominante exige repressão.
>
> MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 26.

Glossário

Heterônomo. Do grego *hetero*, "diferente", e *nomos*, "lei": aquele que é comandado por outrem, que está sujeito a uma lei exterior; o contrário de autônomo.

Vimos no capítulo anterior que para os filósofos frankfurtianos a razão instrumental é a que está a serviço da técnica e busca garantir produtividade e competitividade. Mas a sociedade capitalista, ao transformar o que era apenas meio em fim, tende a tornar a técnica o principal.

Com isso, o que se pretende não é negar a razão instrumental, pela qual realizamos a técnica, mas resgatar o que se perde em termos de humanização, quando aquela prevalece sobre a razão vital. Nem considerar o ser humano indefeso diante de um suposto destino a que não pode fugir. A questão fundamental aqui é a reflexão moral e política sobre os fins das ações humanas no trabalho, no consumo, no lazer, nas relações afetivas, para que se percebam quais estão a serviço do ser humano ou de sua alienação (figura 4).



4

TOPHAM PICTUREPOINT/TOPFOTO/KEYSTONE

Figura 4 • No filme *Metrópolis*, de 1927, o diretor Fritz Lang imagina uma cidade empresarial do século XXI para criticar o risco da mecanização da vida dos trabalhadores.

3.2 Consumo e exclusão

Como contraponto ao consumo supérfluo – estimulado não só nas propagandas, mas também nas novelas e nos programas televisivos –, há uma grande parcela da população que, por seu baixo poder aquisitivo, se reduz apenas ao desejo de consumir. Por que essa massa excluída não se revolta? Porque mecanismos da própria sociedade impedem que ela tome consciência: as pessoas têm a ilusão de que existe mobilidade social e que, caso elas se empenhem no trabalho e na escola, poderão melhorar

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

de vida, ou seja, acreditam que um dia chegarão lá. E, se não chegarem, recorrerão a argumentos ideológicos: falta de sorte ou incompetência.

É preciso não esquecer que esse mesmo desejo de consumo exacerbado acaba favorecendo a opção de alguns pelos caminhos tortuosos da corrupção e de outras formas de enriquecimento ilícito. Não estamos falando apenas de jovens pobres cooptados pelo tráfico, mas de ricos que pretendem ser mais poderosos.

4 A degradação da natureza

Assim disse o escritor italiano Italo Calvino em *As cidades invisíveis*, sobre os habitantes de Leônia, uma cidade fictícia:

> Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos de Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. Não só tubos retorcidos de pasta de dente, lâmpadas queimadas, jornais, recipientes, materiais de embalagem, mas também aquecedores, enciclopédias, pianos, aparelhos de jantar de porcelana: mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas, vendidas, compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente.
>
> CALVINO, Italo. As cidades contínuas 1. Em: *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 105.

Além da questão do descarte de objetos que rapidamente saem de moda, há o risco do desperdício dos chamados recursos naturais finitos, tal como a água, o petróleo, a madeira, os animais para a alimentação (figura 5). Um banho demorado pode ser reconfortante depois de um dia de trabalho ou para nos preparar para uma festa, mas com isso esquecemos que haverá escassez de água na Terra no século XXI.

O petróleo, por exemplo, produz o plástico, cuja decomposição demora centenas de anos: e o que se deve fazer com esse lixo? E com o descarte de produtos eletrônicos que oferecem novidades a cada instante, "obrigando" a trocas sucessivas?

5



RAFAEL ANDRADE/FOLHA IMAGEM

Figura 5 • Funcionário da Prefeitura do Rio de Janeiro recolhe lixo acumulado nas barreiras de estação de tratamento de esgoto durante os Jogos Panamericanos (2007).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Uma civilização do lazer?

O lazer é uma criação da civilização industrial e apareceu como fenômeno de massa com características bem específicas, que nunca existiram antes do século XX (figura 6), quando a nova expressão histórica do lazer surgiu como contraponto explícito ao período de trabalho.

As reivindicações dos trabalhadores de mais tempo para o lazer tiveram como resultado o descanso semanal, a diminuição da jornada de trabalho para oito horas, a semana de cinco dias, as férias. Foi o início de uma nova era, a civilização do lazer, que tomou contornos mais definidos com a intensificação da automação do trabalho.

A diminuição da jornada de trabalho criou o tempo liberado, que não pode ser confundido com o tempo livre, pois aquele é gasto com o transporte, as obrigações familiares, sociais, políticas ou religiosas. O tempo propriamente livre, de lazer, é aquele que sobra após a realização de todas as funções que exigem obrigatoriedade. Então, o que é lazer?

6



VASALEKS/SHUTTERSTOCK

Figura 6 • A organização social do tempo é dada fundamentalmente pelo trabalho. O tempo do lazer reorganiza as relações livre e espontaneamente.

> (...) o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.
>
> DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 34.

Há, portanto, três funções solidárias no lazer:

- descanso e, em decorrência, liberação da fadiga;
- equilíbrio psicológico – para compensar o esforço no trabalho – e o genuíno direito ao divertimento, à recreação, ao entretenimento. O lazer oferece a oportunidade de expansão da nossa vida imaginária, por meio da mudança de lugar, de ambiente, de ritmo, quer seja em viagens, jogos ou esportes, ou ainda, por atividades que privilegiam a ficção, o sonho, a crítica, tais como o cinema, o teatro, a literatura, os *shows*, a leitura;
- participação social mais livre e, com isso, o desenvolvimento pessoal; procura desinteressada de amigos, de aprendizagem voluntária, o que estimula a sensibilidade e a razão e facilita as condutas inovadoras.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De tudo isso, fica claro que o lazer ativo não é simplesmente aquele em que se deixa passar o tempo livre, mas o que dá prazer à pessoa e ao mesmo tempo a modifica como ser humano. Não se pretende com isso prescrever antecipadamente o que seria uma boa ou má ocupação do tempo livre: qualquer tipo de lazer é ativo quando somos seletivos, sensíveis aos estímulos recebidos e compreendemos de modo crítico o que vemos, sentimos e apreciamos. Por exemplo, duas pessoas que assistem ao mesmo filme podem ser ativas ou passivas de acordo com a maneira como comparam, apreciam, julgam e decidem por si mesmas, independentemente de modismos ou de propagandas massificantes.

6 Obstáculos ao lazer

O tempo de lazer adquire importância cada vez maior, configurando-se como um dos grandes desafios do terceiro milênio. Isso é o que afirma o sociólogo italiano Domenico de Masi, ao lembrar o longo e terrível período em que os empregados trabalhavam amontoados nas fábricas, segregando de modo brutal o trabalho e a vida. Segundo ele, hoje nossa sociedade teria todas as condições de realizar o sonho do não trabalho e do ócio criativo, isto é, do ocupar-se com atividades sem premência de tempo e que permitem "a elevação do espírito e a produção das ideias". Seria esse um sonho possível?

O problema está em saber se a indústria cultural propicia alternativas de escolhas ou se as cidades oferecem infraestrutura que garanta aos mais pobres a ocupação do seu tempo livre em atividades gratuitas ou pouco dispendiosas: locais para ouvir música, praças para passeios, clubes populares, espaços para prática de esportes e integração social espontânea (figura 7). Sem isso, as possibilidades de lazer ativo, não alienado, são reduzidas.

Além disso, sabemos que estamos distantes da expansão do tempo de lazer, por alguns motivos:

- severas reestruturações das empresas terceirizam tarefas, o que significa a perda de benefícios antes conquistados;
- os programas de enxugamento do quadro de pessoal sobrecarrega os funcionários, que, sob o risco do desemprego, sentem-se obrigados a cumprir jornadas fatigantes para atingir as metas de produtividade estabelecidas pela empresa;
- o teletrabalho, apesar de ter a aparência confortável de atividade em domicílio, confunde horários de trabalho com momentos de lazer, com evidente prejuízo deste último;



DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS

Figura 7 • Mulheres em momento de lazer com crianças no parque Villa-Lobos, em São Paulo (2009). Ampliar o número de espaços de convivência humaniza a vida nas cidades.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- a flexibilização do contrato de trabalho faz com que o trabalhador assuma vários empregos de jornadas curtas, como é o caso dos professores e outros profissionais;
- os sindicatos, defensores dos interesses dos trabalhadores, têm se enfraquecido.

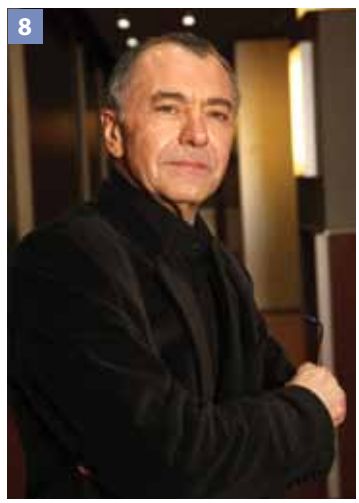
Seria possível reverter esse quadro, se a anunciada mecanização e a robotização até agora não cumpriram as esperanças do tempo de lazer dilatado?

7 A sociedade pós-moderna: o hiperconsumo

Nem todos, porém, encaram o fenômeno contemporâneo do consumo e do lazer de massa como necessariamente alienado e alienante, como afirmavam os filósofos frankfurtianos.

O consumo exacerbado tem ocorrido no período que alguns pensadores chamaram de pós-modernidade. Como o nome diz, representa uma oposição aos valores da modernidade (iniciada no século XVII) e que se sustenta pela valorização da razão e esperança de ser possível construir um mundo melhor. Em oposição, os pós-modernos recusam as visões utópicas do poder da razão, contrapondo a elas a valorização do sentimento e da arte, que exaltam a imaginação e tornam o ser humano mais livre.

É nesse contexto que se insere o filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944-) (figura 8), que, por exemplo, prefere não demonizar o consumo, mas aceitá-lo como fenômeno de nosso tempo. Ele observa que, desde o fim dos anos 1970, devido às técnicas de *marketing* e de preços mais baixos, os bens tornaram-se acessíveis a um maior número de pessoas, até mesmo para as de baixo poder aquisitivo. O que se viu foi o surgimento de uma nova fase de consumo mais intimista e personalizada. Lipovetsky recusa-se a aplicar à sociedade pós-moderna o conceito marcusiano de unidimensionalidade. Também critica Foucault, porque considera que houve redução progressiva do processo disciplinar no trabalho.



ERIC FOUGERE/VIP IMAGES/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 8 • O filósofo Gilles Lipovetsky é estudioso da moda, do luxo e do consumo na hipermodernidade.

O contraste entre riqueza e pobreza

Em uma das exposições do Fórum Universal das Culturas de 2004, em Barcelona, havia essa informação: "A riqueza cresce, mas a pobreza também. Quinhentas companhias controlam 70% do comércio mundial e 30% do PIB mundial. Todas estão nos Estados Unidos, na Europa e no Japão".

Revista *Fórum*, 9 maio/26 set. 2004, p. 21.

Apesar de considerar que hoje o consumidor é mais crítico, Lipovetsky não deixa de reconhecer o poder massificante da publicidade e os malefícios do hiperconsumismo, entendido como a ilusão de que a mercadoria garante a felicidade. Ao contrário, o que preenche nossa vida é o que permite ao ser humano inventar-se a si mesmo e inventar coisas. O risco é deixar que o consumo se converta em sentido principal da vida.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-) não é tão otimista. Ele identifica o consumismo com um pilar da economia capitalista quando diz:

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Glossário

Compulsão. Processo mental que leva à repetição irresistível de certos atos.

A sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles). O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores. (...) O que começa com um esforço para satisfazer uma necessidade deve se transformar em **compulsão** ou vício.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.* Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 64.

8 Para concluir

Neste capítulo vimos como o consumo e o lazer no mundo contemporâneo oferecem possibilidades imensas para atender às nossas necessidades e nos entreter. No entanto, quando há discordância entre os pensadores sobre os benefícios e os riscos que a sociedade de massa nos oferece, temos de refletir sobre isso.

A produção globalizada na época do hiperconsumo nos obriga a rever as críticas aos antigos modelos de alienação tanto no trabalho como no consumo, para saber quais estão ultrapassados e quais ainda são pertinentes. No brilho da diversificação das atividades de lazer e das ofertas múltiplas de compras, estaríamos livres de outros modos de manipulação de nossa consciência e, portanto, de nossas escolhas? Além disso, esses benefícios são acessíveis à maioria das pessoas?

A caixa de brinquedos

A ideia de que o corpo carrega duas caixas – uma caixa de ferramentas, na mão direita, e uma caixa de brinquedos, na mão esquerda – apareceu enquanto eu me dedicava a mastigar, ruminar e digerir santo Agostinho.

(...)

Pois santo Agostinho, resumindo o seu pensamento, disse que todas as coisas que existem se dividem em duas ordens distintas. A ordem do "uti" (ele escrevia em latim) e a ordem do "frui". "Uti" significa o que é útil, utilizável, utensílio. Usar uma coisa é utilizá-la para obter uma outra coisa. "Frui" significa fruir, usufruir, desfrutar, amar uma coisa por causa dela mesma.

A ordem do "uti" é o lugar do poder. Todos os utensílios, ferramentas, são inventados para aumentar o poder do corpo. A ordem do "frui" é a ordem do amor – coisas que não são utilizadas, que não são ferramentas, que não servem para nada. Elas não são úteis; são inúteis. Porque não são para serem usadas, mas para serem gozadas. Aí você me pergunta: quem seria tolo de gastar tempo com coisas que não servem para nada? Aquilo que não tem utilidade é jogado no lixo: lâmpada queimada, tubo de pasta dental vazio, caneta sem tinta...

Faz tempo, preguei uma peça num grupo de cidadãos da terceira idade. Velhos aposentados. "Inúteis" – comecei a minha fala solenemente. "Então os senhores e as senhoras finalmente chegaram à idade em que são totalmente inúteis..." Foi um pandemônio. Ficaram bravos, me interromperam

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

e trataram de apresentar as provas de que ainda eram úteis. Da sua utilidade dependia o sentido de suas vidas.

Minha provocação dera o resultado esperado. Comecei, mansamente, a argumentar. "Então vocês encontram sentido para suas vidas na sua utilidade. Vocês são ferramentas. Não serão jogados no lixo. Vassouras, mesmo velhas, são úteis. Uma música do Tom Jobim é inútil. Não há o que fazer com ela. Os senhores e as senhoras estão me dizendo que se parecem mais com as vassouras que com a música do Tom… (...)" E assim fui acrescentando exemplos. De repente os seus rostos se modificaram e compreenderam… A vida não se justifica pela utilidade, mas pelo prazer e pela alegria – moradores da ordem da fruição. Por isso Oswald de Andrade, no *Manifesto antropofágico*, repetiu várias vezes: "A alegria é a prova dos nove, a alegria é a prova dos nove…". (…)

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos*. São Paulo: Versus, 2005. p. 13.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 O que podemos entender por consumo consciente?

O consumo consciente visa atender às necessidades vitais, às de sobrevivência, e também a outras que escolhemos livremente, de acordo com nossa personalidade e nossos interesses.

2 Quando o consumo degenera em consumismo?

Quando deixa de ser um meio para obter alguma coisa e transforma-se num fim em si; quando provoca desejos nunca satisfeitos. Em geral, o consumismo é um modo de alienação, pelo qual o indivíduo deixa de ser o centro de si mesmo.

3 Quais são as funções do lazer?

Descanso, liberação da fadiga, equilíbrio psicológico, livre participação social, entretenimento etc.

4 Converse com os mais velhos para saber como as crianças se divertiam.

Resposta pessoal. A intenção é discutir a mudança de hábitos nos jogos infantis.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

1 Compare as ideias de Marcuse às de Lipovetsky e indique em que eles se opõem. Em seguida, posicione-se pessoalmente sobre isso.

Marcuse era da Escola de Frankfurt e, portanto, seguia a herança marxista. Para ele, o trabalho e o consumo na sociedade capitalista alienam e reduzem o indivíduo a uma só dimensão. Lipovetsky é mais tolerante com o liberalismo, mas reconhece os riscos do consumismo. Ele analisa a amplitude de opções de consumo e de lazer e a personalização das escolhas.



MEDDICK, Jim. Robô. Em: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1º dez 1994.

2 Interprete a tira de Jim Meddick. O que o autor pretende criticar?

A mulher está mais interessada na liquidação do que no acidente do avião. Meddick critica a sociedade que valoriza o consumo mais que a vida das pessoas.

3 Responda às questões.

a) Analise por que o tempo de lazer – importante contraponto da jornada de trabalho – nem sempre é bem vivido na sociedade contemporânea.

Resposta pessoal. Pode-se pensar a questão a partir da divisão entre os que têm recursos para pagar e aqueles mais pobres que não têm acesso a locais de lazer. Outro aspecto é o excesso de trabalho em virtude das condições oferecidas e do medo do desemprego. Há também os que são "viciados em trabalho" etc.

b) Faça um levantamento de tipos de lazer que levam à acomodação e à passividade.

Resposta pessoal. Não se trata de discutir a atividade, mas a postura do indivíduo diante dela: há pessoas que praticam determinada atividade só porque isso está na moda; outras que se sentem na obrigação de participar de alguma atividade; e outras ainda que só recorrem a passatempos para evitar o tédio.

UNITED MEDIA/IPRESS/FOLHA IMAGEM
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Analise a letra da música "Comida" (Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto) e, a partir dela, justifique os versos "A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte".

Comida

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITTO, Sérgio. Comida. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. WEA, 1987.

O consumo não se restringe às necessidades vitais, como comer, dormir, proteger o corpo; ele se estende às necessidades não vitais, como o lazer e a fruição da arte. Vale lembrar o texto de Rubem Alves sobre o inútil que é necessário.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Trabalho e lazer deveriam constituir polos opostos que se completam, por trazerem equilíbrio entre obrigação e independência, disciplina e liberdade, dever e livre escolha. Pode-se também discutir como a sociedade contemporânea tem dificultado a interação entre trabalho e lazer, ou porque se trabalha demais, ou porque não há oferta local de lazer ou, ainda, porque trabalho e lazer são alienados.

Dissertação

Elabore uma dissertação com o tema: "Trabalho e lazer: onde estão o equilíbrio e a interação?".

CAPÍTULO 4

As mutações da família

1 A socialização da criança



COLEÇÃO PARTICULAR

Figura 1 • Na família, procuram-se harmonizar interesses divergentes, às vezes de difícil acordo. *Família* (1928), de Júlio Reis, óleo sobre tela.

Ninguém nasce humano, mas humaniza-se ao longo da vida, na interação com outras pessoas. Diferentemente dos animais, os bebês precisam da convivência familiar, que lhes dará suporte afetivo, moral e material. Se for efetiva e cuidadosa, essa proteção inicial ajudará a criança nas outras relações que ela estabelecerá vida afora (figura 1).

Do ponto de vista biológico, o ser humano é o mais frágil dos animais e não sobrevive sozinho; do ponto de vista psicológico, as relações afetivas são importantes para sua saúde mental; e, do ponto de vista social, a presença de adultos confiáveis e o exercício da autoridade asseguram a solidariedade necessária para o convívio com outras pessoas. É a família que ensina o que as crianças devem fazer, dizer ou pensar. A educação fornece o solo a partir do qual o indivíduo pode agir, até para, em última instância, recusar na vida adulta os valores que aprende na infância: contra esses valores, mas sempre a partir deles.

1.1 O que é família?

Afinal, o que é família? Num primeiro momento, podemos dizer que é um conjunto de indivíduos ligados pelo sangue e pelo casamento: os pais casam-se e têm filhos. Mas existem variações. Os pais talvez não sejam casados em alguma igreja ou no cartório, mas uniram-se por amor, necessidade ou outros motivos. A mãe talvez crie os filhos sozinha por ser solteira, por estar separada do companheiro ou por escolha própria. Além disso, há povos que, diferentemente da maioria das sociedades ocidentais, seguem a tradição da poligamia, como em alguns países africanos e naqueles da Ásia em que predomina a crença islâmica. Em todos esses casos os modelos de família variam.

A esse conceito restrito de família pode-se acrescentar outro mais amplo, quando reúnem-se os que fazem parte da "família do pai" e da "família da mãe", os dois troncos do casal: avós, tios, primos, sobrinhos e outras pessoas que não são do mesmo sangue, como cunhados, filhos adotivos e agregados. E, é lógico, os antepassados, aqueles que já morreram, mas ainda vivem na memória de seus descendentes (figura 2).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



PICTORIAL/IMAGEPLUS

Figura 2 • Antigamente, eventos em que se reunia toda a extensa família eram comuns e reforçavam os laços.

2 Vivemos uma crise?

As relações das crianças na sociedade, intermediadas pela família, são um fenômeno mutável no tempo, por ser a família uma instituição social historicamente situada, sujeita a mudanças de acordo com as diferentes relações estabelecidas entre os sujeitos. Quando falamos de família, referimo-nos num primeiro momento à família nuclear conjugal, composta de pai, mãe e filhos. Hoje, porém, com mudanças tão rápidas e às vezes até assustadoras, decorrentes de tantas inovações, muitos falam em crise da família. Haveria mesmo essa crise?

Vamos pensar na palavra "crise", porém, não em seu sentido negativo, como algo que desconstrói o que era bom, mas como sinal de uma mudança, e isso pode ter aspectos tanto positivos como negativos. Por exemplo, a crise da adolescência constitui uma transição entre a perda do mundo infantil e a entrada na vida adulta. Nesse sentido, crise significa crescimento e emancipação. No entanto, do ponto de vista negativo, essa crise indicaria apenas a perda do universo infantil.

Precisamos entender que nem sempre existiu esse modelo de família. Para identificar o papel reservado ao homem, à mulher e às crianças, faremos um breve relato das relações entre os casais e seus filhos ao longo da história. Desse modo, esperamos compreender como ocorreram essas mudanças até o tempo presente.

Antes, porém, uma advertência. Por se tratar de um resumo de um período tão extenso, as generalizações ocultam diferenças que certamente existiram. Mas os tópicos enfatizados certamente ajudarão a destacar os pontos principais dessas transformações.

3 As famílias gregas e romanas

Na Antiguidade, as famílias da Grécia e de Roma desenvolveram estruturas familiares semelhantes, típicas da família patriarcal extensa, assim chamada porque todos se submetiam ao poder do chefe de família, o patriarca. Esse

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



WERNER FORMAN ARCHIVE/IMAGEPLUS

Figura 3 • Santuário doméstico na casa dos Menander comum na cultura romana, Pompeia, Itália.

conceito de família abrangia as propriedades (terras, casa, escravos e animais), o pai de família, a esposa, os filhos, as mulheres dos seus filhos e os filhos deles, as viúvas de seus filhos, os escravos, os libertos, os clientes. Estes últimos eram homens livres que pertenciam a pequenas famílias que, por sua vez, dependiam do patriarca e adoravam os mesmos deuses domésticos deste (figura 3). Cada família reverenciava as almas de seus antepassados, às quais se atribuía poder divino. Em toda casa grega ou romana havia um altar de oferendas, cujas brasas nunca deveriam se apagar.

Ao casar, as filhas abandonavam a família de origem e, portanto, seus deuses, para adotar a família e os deuses do marido. O mesmo ocorria com os escravos, recebidos com cerimônias que os integravam à família, da qual não podiam se desligar. Formava-se, assim, uma grande família pela junção de um certo número de grupos consanguíneos e agregados.

ISTO É ESSENCIAL!

Hoje costumamos chamar a casa de lar. *Lar* vem de lareira, o que remete ao fogo sagrado sempre aceso, que constituía o altar doméstico de adoração dos deuses na Antiguidade greco-romana.

3.1 As funções da família antiga

Nas sociedades em que a família é extensa e fechada no culto a seus deuses e da produção autossuficiente para sua sobrevivência, suas funções são inúmeras: não só a procriação, mas também a preservação do patrimônio, da religião (o culto aos antepassados), dos costumes e dos valores. Cabia a ela o cuidado com os velhos e com os deficientes, a produção artesanal de roupas e utensílios, o plantio, a colheita e também a profissionalização dos filhos homens.

3.2 Os costumes

Enquanto os homens livres se dedicavam à guerra e às discussões políticas, as mulheres viviam num espaço privado destinado a elas, que na Grécia era chamado de gineceu. Seus passos eram controlados e normas severas proibiam a infidelidade feminina. Esse procedimento fazia sentido na época, porque o marido não queria que seus bens fossem herdados por um bastardo, ou seja, por um filho que não fosse seu.

No entanto, para o homem, a moral sexual era muito mais elástica: ele podia ter uma esposa para lhe dar filhos legítimos e outras para o prazer. Em casa, o patriarca podia usar da força e da violência absolutas, sem qualquer lei externa para julgar seus atos. Por exemplo, exercia poder de vida e de morte sobre as pessoas a ele subordinadas, podia vender ou enjeitar filhos pequenos e repudiar a esposa estéril ou que não gerasse homem, já que o culto doméstico só teria continuidade com os filhos varões.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 A família medieval

Na Idade Média ainda prevalecia o conceito de família extensa.

> É preciso imaginar o que era então a casa de um cavaleiro, reunindo num mesmo domínio, numa mesma "corte", dez, vinte senhores, dois ou três casais com filhos, os irmãos e as irmãs solteiras e o tio cônego, que aparecia de tempos em tempos e preparava a carreira de um ou outro sobrinho.
>
> DUBY, G. Em: ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 212.

Os costumes medievais baseavam-se no sistema feudal, sustentado por uma rígida hierarquia social entre suseranos e vassalos, senhores e servos. O valor maior era a linhagem, isto é, a linha de parentesco que assegurava a elevada posição social dos membros da aristocracia guerreira. Por isso mesmo, os casamentos arranjados serviam para conquistar ou garantir os títulos, a riqueza e o poder das famílias (figura 4).

E as mulheres e crianças, como viviam? Logo que se livravam da atenção constante da mãe ou da ama, por volta dos 7 anos, os meninos ficavam entre os adultos, exercitavam-se nos esportes, aprendiam música e as maneiras da corte, além das artes militares, preparando-se para se tornar cavaleiros. Enquanto isso, as meninas, mais reclusas, dedicavam-se aos afazeres domésticos com as mães e outras mulheres mais velhas. Mantinha-se o costume de preservar a virgindade das donzelas e a fidelidade das esposas.

O historiador francês Philippe Ariès (1914-1984) reuniu em ampla **iconografia** a maneira como a criança e a família aparecem nas pinturas. Verificou que, até o século XII, a arte medieval pouco representava a infância e, nas raras vezes em que o fazia, as crianças muitas vezes eram retratadas como adultos em miniatura (figura 5).

Glossário

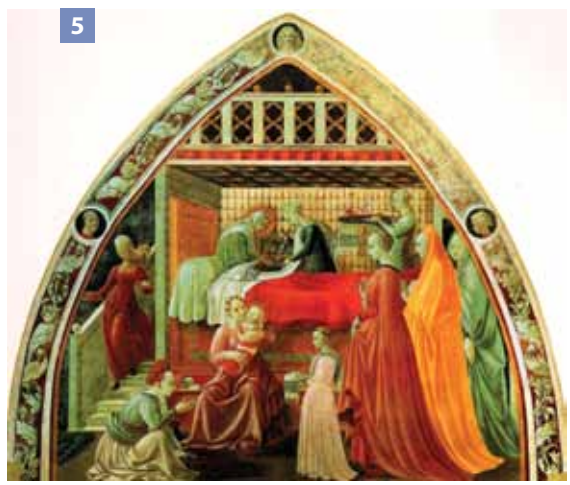
Iconografia. Estudo de representações visuais; conjunto de ilustrações.

4



THE BRITISH LIBRARY/HIP/TOPFOTO/KEYSTONE

5



DUOMO, PRATO

Figura 4 • Detalhe de iluminura do século XIV encontrada no livro *Omne bonum*, de James Le Palmer, mostra nobres durante um banquete.

Figura 5 • Observe nessa obra do século XV, atribuída a Paolo Ucello, que as proporções da menina lembram as de um adulto em miniatura.

5 Uma nova representação da infância e da família

Não se pode ainda dizer que na Antiguidade e na Idade Média existisse o que hoje entendemos por sentimento de infância, que se caracteriza pela centralização dos interesses da família nos filhos. Isso não significa que as crianças não fossem amadas ou atendidas em suas necessidades, mas elas eram integradas desde cedo ao mundo adulto.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.


NATIONAL GALLERY, LONDRES

Figura 6 • No século XV, o pintor flamengo Jan van Eyck retratou o rico casal burguês na intimidade de seu quarto. Cenas de família, ambientadas no interior das residências, indicavam a valorização da subjetividade e da vida privada. *Retrato de Giovanni Arnolfini e sua esposa* (1434). Óleo sobre tela, 83 × 60 cm.

A partir do Renascimento, porém, os costumes relacionados à criança começaram a mudar, principalmente nas famílias burguesas ou nobres, que agora se focavam nos filhos.

A principal mudança diz respeito à vigilância da criança. Timidamente, a partir do século XV, e no século XVII com rigor, a preocupação com o pudor e o cuidado para não corromper a inocência infantil se intensificaram. Recomendava-se que fossem vigiadas, que se evitasse a promiscuidade entre pequenos e grandes, que se controlasse a linguagem e se ocultasse o próprio corpo. Naquela época, estava-se em plena Contrarreforma, e os jesuítas foram mestres na transformação do tratamento dado à criança. A institucionalização do colégio, local de isolamento e proteção contra os desvios do mundo, contribuiu para configurar esse novo conceito de infância.

Nos locais em que a industrialização e o capitalismo surgiram mais cedo, a família extensa começou a ser substituída pelo modelo de família nuclear conjugal, formada por pai, mãe e filhos. Esse movimento tornou-se mais explícito do século XV ao século XVIII, dando origem, além do sentimento de infância, a um novo sentimento de família (figura 6).

5.1 A intimidade

Houve mudanças também na arquitetura das casas, de modo a distinguir mais nitidamente o ambiente íntimo do espaço para as visitas, com cômodos menores e funcionais, que serviam de quarto ou escritório. Os cuidados com o conforto, a higiene e o bem-estar completavam o quadro de isolamento do universo familiar.


MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Figura 7 • Nesta tela rococó, o pintor francês François Boucher retrata sua própria família em um momento de intimidade. *O café da manhã* (1739). Óleo sobre tela, 13,64 × 16,44 cm.

O movimento centralizador da família e o estreitamento dos laços afetivos deram ênfase à educação e à saúde dos filhos, não mais vistos apenas como herdeiros de propriedades paternas, mas como indivíduos com carreira e futuro a zelar (figura 7).

5.2 O afeto

Outro tipo de afeto prevalecia entre os membros da família. Embora não contestasse a autoridade do marido, a esposa merecia maior consideração, e a mãe já partilhava com intensidade da educação dos filhos e dos cuidados a eles dedicados. Surgia uma noção diferente de paternidade que, apesar de ainda manter a autoridade, deixava de ser exclusivamente dominadora e tornava-se mais amorosa. É o que comprovam cartas e diários íntimos, abundantes no século XVIII.

A nova relação conjugal levava em conta o amor entre o casal, portanto aceitava o divórcio, caso o amor acabasse. E o afeto pelos filhos revelava outra maneira de entender a infância. No entanto, essa mudança foi muito lenta, não atingiu todos os lares do mesmo modo e ao mesmo tempo, mas serviu para afrouxar a autoridade patriarcal e abrir espaço para a valorização da mulher e da criança, desde sempre inferiorizadas. Nessa época, ainda cabia ao marido manter a casa, enquanto a mulher se dedicava às atividades de esposa e mãe.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O patriarcalismo no Brasil

No Brasil, o sistema patriarcal durou mais em razão da influência da Igreja, da tradição colonialista e da industrialização tardia. Por exemplo, o divórcio só foi legalizado em 1977, após um longo debate entre os grupos divergentes. Apenas em 2002, quando foi revisto o Código Civil brasileiro de 1916, a antiga expressão chefe de família foi alterada para direção compartilhada; antes disso, a mulher era considerada relativamente incapaz, dependente do pai ou do marido.

6 O contexto histórico das mudanças

A Revolução Industrial, a partir do século XVIII, foi responsável pelas mudanças mais radicais, que, nos meios abastados, modelaram a família nuclear semelhante àquela que conhecemos hoje. No fim do século XIX e começo do século XX, à medida que trocaram o campo pelas fábricas da cidade, as famílias das classes trabalhadoras também aderiram ao novo modelo.

A explicação de tais transformações na família burguesa é bastante complicada e existem muitas teorias a esse respeito. Vejamos algumas delas.

No período pré-capitalista predominavam ligações como as de senhor e vassalo, senhor e servo, cujos vínculos se sustentavam na fidelidade, valor típico da cultura feudal. Toda estrutura social e econômica erguia-se a partir desses laços, em que se misturavam os espaços do público e do privado. O poder do barão, por exemplo, era herdado por seu filho, que tomava posse das terras e, ao mesmo tempo, recebia o domínio sobre os servos que nelas trabalhavam.

Com a implantação do capitalismo, a separação entre o público e o privado tornou-se necessária, porque a nova economia precisava de trabalhadores livres (e não de servos) para se relacionarem segundo critérios racionais de contrato. Desse modo, romperam-se os antigos vínculos e estabeleceram-se relações de troca entre pessoas singulares. Nascia assim o individualismo típico do capitalismo, que atomiza a sociedade e a concebe como um agregado de indivíduos.



OLIVER TWIST PRODUCTIONS LLP/GUY FERRANDIS/ALBUM/LATINSTOCK

Figura 8 • Em *Oliver Twist*, o escritor inglês Charles Dickens (1812-1870) faz uma severa crítica à Inglaterra industrial a partir da história do garoto órfão que pratica pequenos delitos e é explorado por adultos. Fotograma de *Oliver Twist*, de Roman Polanski.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O espaço público separou-se do privado no momento em que o operário trocou sua força de trabalho pelo salário, pelo vínculo de natureza contratual. Aliás, a distinção entre as duas esferas ocorreu também quando surgiu a política liberal, que, em oposição ao poder feudal transmitido por herança, exigia do cidadão que elegesse seus representantes pelo voto. E, como vimos, influenciou também o modelo de família, recolhida na intimidade da vida privada.

Na contramão dessas mudanças, sabemos da miséria que predominou sobretudo no século XIX, nas vilas industriais, onde as crianças viviam em condições inadequadas de salubridade e excluídas dos benefícios da nova sociedade industrial, um problema que se arrasta até hoje, principalmente nos países emergentes (figura 8).

7 A influência do Iluminismo

Como essas mudanças repercutiram na reflexão filosófica? Dentre todos os pensadores que se debruçaram sobre a educação das crianças desde o século XVI, destacaremos Rousseau e Kant, expoentes do **período iluminista**, no século XVIII.

ISTO É ESSENCIAL!

No Iluminismo, também chamado de Ilustração ou Século das Luzes, dizia-se que a razão, assim como uma luz, reorganiza o mundo em todas as expressões do pensamento e das atividades humanas. Recorrer à razão significa pensar por si mesmo e recusar a intolerância religiosa e o critério de autoridade.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY GETTY IMAGENS

Figura 9 • Na nova educação proposta por Rousseau, os castigos físicos eram condenados. *Mestre escolar*, de Jan Havecksz Steen, óleo sobre tela.

7.1 Rousseau

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nasceu na Suíça, mas viveu muito tempo na França. Costuma-se dizer que fez uma revolução copernicana na educação: assim como Copérnico inverteu o modelo astronômico, mostrando que a Terra não era o centro do Universo, Rousseau dirigiu o interesse pedagógico para o aluno, e não mais para o professor. Mais que isso, ressaltou a especificidade da criança, que não podia ser vista como um adulto em miniatura.

Até então, os fins da educação eram formar o indivíduo para Deus ou para a vida em sociedade, mas Rousseau queria que o ser humano integral fosse educado para si mesmo. A função do professor tornou-se delicada: se por um lado não deve impor o saber à criança, por outro não pode deixá-la na pura espontaneidade. Ele deve levá-la a descubrir por si própria as leis das coisas e das relações interpessoais (figura 9).

7.2 Kant

Para Immanuel Kant (1724-1804), principal representante da Ilustração alemã, o ato de vontade tem por fundamento a liberdade e, portanto, a autonomia do sujeito. A ação moral é autônoma porque o ser humano é capaz de agir segundo leis que a própria razão estabelece, e não conforme normas dadas externamente (heteronomia). A moral, constituída a partir da liberdade e da autonomia, exige a aprendizagem da disciplina, a fim de que a pessoa atinja seu próprio governo e seja capaz de se autodeterminar. Em suma, porque o sujeito deveria aprender a pensar por si mesmo daí em diante, as teorias iluministas fecundaram o novo modo de pensar.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

8 E o amor, por onde andava?

Falamos até aqui de pais e filhos, mas não de amor. Na Antiguidade e na Idade Média, o casamento visava apenas à procriação e preservação do patrimônio. Mais ainda: prevalecia o **androcentrismo**, por isso a mulher devia se subordinar ao homem e concordar com uniões acertadas por ele. As mulheres também não recebiam a mesma educação que os homens e eram excluídas do mundo do trabalho. Portanto, não lhes restava alternativa senão o casamento.

Quando o casal se amava, era por pura sorte. Geralmente as paixões ocorriam fora do casamento, nos amores frustrados ou nas traições, e os deslizes femininos eram objeto de reprovação e duras punições (figura 10).

No século XIX, o movimento romântico e o sentimento de individualidade, que acenavam com o desejo de felicidade e de realização pessoal, entraram em choque com o costume do casamento arranjado. Entendemos por sentimento de individualidade o que marca a personalidade, o que permanece, apesar das mudanças que ocorrem ao longo da vida e nos tornam figuras únicas, diferentes de qualquer outra. Ter individualidade significa poder pensar e querer por conta própria, o que não é possível quando prevalece a obediência cega, imposta pela educação autoritária.

O costume do casamento arranjado contrapunha-se a esse novo sentimento de individualidade, que acenava com o desejo de felicidade e realização pessoal. O reconhecimento do amor como elemento importante para a união do casal abalou as estruturas das concepções tradicionais.

10



SELVA/LEEMAGE/OTHER IMAGES

Figura 10 • Segundo uma lenda medieval, o cavaleiro Tristão apaixonou-se pela princesa celta Isolda, prometida ao rei da Bretanha, a quem ele devia lealdade: o amor impossível terminou em tragédia. *Tristão e Isolda*, de Robert Engels, óleo sobre tela.

Glossário

Androcentrismo. Visão centrada na figura masculina.

9 A reinvenção da família

Há muito se fala do enfraquecimento da instituição familiar: a desagregação precoce de sua estrutura, a perda da autoridade paterna, a capacidade cada vez menor de instruir e educar, de transmitir os valores da sociedade.

> (...) a crise da família é de origem social e não é possível negá-la ou liquidá-la como simples sintoma de degeneração ou decadência. (...) Enquanto a família assegurou proteção e conforto aos seus membros, a autoridade familiar encontrou uma justificação.
>
> HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973. p. 140.

11



2005 ROGER-VIOLLET/TOPFOTO/KEYSTONE

Figura 11 • A entrada da mulher no mercado de trabalho modificou as relações na família. Na imagem, linha de produção no período da Segunda Guerra, França.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hoje a propriedade hereditária, que constituía motivo de obediência por parte dos herdeiros, perdeu a força de convencimento em um número cada vez maior de famílias, nas quais o conceito de herança não tem o mesmo sentido. Os pais não conseguem mais prover a família de maneira satisfatória nem exercer autoridade sobre as filhas, que passam a ganhar seu sustento fora de casa (figura 11).

Identificamos, no fim do século XX, uma nova realidade para a família. Trata-se de algo que está sendo reconstruído de modo diferente do que aí existe. Tarefa difícil, que exige cuidado e empenho, a fim de evitar a expectativa do retorno ao modelo da antiga família – em que a autoridade paterna era indiscutível – e não atribuir à mulher que trabalha fora a culpa pela desagregação.

9.1 As novas relações de gênero

12



JOSE LUIS PELAEZ, INC./CORBIS/LATINSTOCK

Figura 12 • As relações igualitárias do casal reforçam os laços amorosos.

Entre as inúmeras mudanças nos relacionamentos, a grande virada nas relações de gênero – ou seja, entre homem e mulher – deve-se às novas inserções da mulher no mundo do trabalho e à revolução feminina. Esse movimento alterou o significado do que é ser mulher e rompeu estereótipos milenares. Consequentemente, modificou o modo de ser do homem e afetou a constituição da família.

Com a profissionalização, a mulher não só alcançou autonomia financeira como alterou os papéis tradicionais do chefe de família provedor e da esposa mãe e dona de casa. Mais ainda: as relações entre os cônjuges deixaram de ser hierárquicas e tornaram-se igualitárias (figura 12).

Para muitos, essas mudanças representam uma "desordem na família", por admitirem como distorções os divórcios e os casamentos sucessivos, a produção independente e a opção monoparental, os bebês de proveta, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de filhos por casais homossexuais, entre tantos outros tipos de constituição familiar.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

10 Que laços são esses?

O que está ocorrendo com o modelo da família nuclear conjugal tradicional?

Numa resposta otimista, o sociólogo espanhol Manuel Castells (1942-) prevê uma recomposição da família à medida que homens e mulheres encontrarem modos diferentes de amar, compartilhar e ter filhos. Hoje, o que se busca não é seguir um modelo de família, mas estabelecer novas formas de sociabilidade.

Seguindo por outros caminhos, a psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco (1944-) chega a conclusão semelhante:

> Observamos que essas desordens não são novas – mesmo que se manifestem de forma inédita –, e sobretudo que não impedem que a família seja atualmente reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições.
>
> ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 198.



TOM MINER/TOPFOTO/KEYSTONE

Figura 13 • O movimento de contracultura dos anos 1960 contribuiu para a mudança dos comportamentos e dos hábitos de diversas sociedades.

Mas será que admitir a importância da mudança significa dizer que tudo é permitido? Se quisermos ser coerentes com o legado kantiano sobre a autonomia da vontade, não podemos dar receitas de como agir. No entanto, a individualidade não se confunde com o individualismo, porque se tornar moral supõe conciliar o pessoal com o social: nossos atos não dizem respeito apenas a cada um de nós, mas têm consequências para os demais, e isso precisa ser sempre levado em conta (figura 13).

Por exemplo, a revolução sexual que teve início nos anos 1960 trouxe vantagens por um lado, mas também trouxe problemas. Hoje, os mais jovens começam sua vida sexual mais cedo e sem maiores compromissos, mas tem sido alto o índice de gravidez precoce de adolescentes em todos os segmentos sociais. Por falta de informação, ou por não praticarem o que aprenderam, os jovens encontram-se diante de uma responsabilidade para a qual não estavam preparados nem sequer desejavam. No caso das meninas a situação se complica, porque são obrigadas a adiar seus planos de estudo e profissionalização.

Entre os adultos, as relações se fragilizaram, pois muitos buscam apenas sua satisfação pessoal e não suportam as dificuldades cotidianas, inevitáveis em qualquer relação. Daí as separações serem muito frequentes. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman diz que vivemos a época do "amor líquido", já que os laços humanos perderam sua solidez.

Não contrapomos os amores breves ao ideal da união para toda a vida, mas destacamos o equilíbrio das relações que teriam chance de continuidade e são interrompidas porque a paixão acaba e o casal não tem disposição para cultivar o amor, até porque isso exige amadurecimento afetivo. Se as pessoas e as circunstâncias mudam, a relação familiar não pode ser idealizada, e sim compreendida nos seus laços humanos, sujeitos a enganos e desavenças, embora em certos casos seja impossível prosseguir juntos.

Dificuldade semelhante existe na educação dos filhos. É na família que as crianças vivenciam seus desejos e se ajustam às exigências da realidade para se conhecer melhor e aprender a conviver com os outros. Nenhuma criança pode ficar à deriva, sem a orientação dos pais, mesmo que isso signifique conflitos inevitáveis. O que, na verdade, não é um mal, desde que se saiba lidar bem com esses confrontos.

Além disso, em situações extremas, não há como ocultar o lado sombrio de famílias de qualquer nível econômico, nas quais ocorrem agressões contra a mulher e maus-tratos com as crianças.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

11 Para finalizar

Compreender os mecanismos pelos quais as relações humanas se transformam é importante para que a criança, o jovem ou o adulto não sejam considerados modelados de uma vez por todas, pois todos mudamos ao longo do tempo. Perceber como essas relações se envolvem em estruturas de poder é condição necessária para identificar os elementos ideológicos que impedem a emancipação humana.

Não devemos nos assustar, portanto, se os modelos de família se expressam hoje por inúmeras relações possíveis. A dificuldade não está na variedade (ela faz parte do nosso tempo) nem na instabilidade (as relações humanas não precisam ser eternas, ainda que as separações sejam sempre dolorosas), mas na maneira como lidamos com os conflitos e cultivamos os aspectos positivos das relações familiares.

Em outras palavras, a família continuará sendo desejada e necessária. Caberá a cada um de nós compreendê-la em suas mudanças para garantir sua continuidade, ainda que sempre reinventada.

Exercícios dos conceitos

Professor: Isso pode ser feito por meio de entrevistas com pessoas mais velhas, para que elas relatem não só sua experiência pessoal, mas o que antigamente ouviam a respeito de gerações anteriores às delas. Ou então, mediante pesquisas pela internet. Peça que os alunos tragam cópias de fotos antigas.

1 Com seus colegas, faça uma pesquisa sobre como era a família de seus avós e bisavós: como eram os casamentos, a educação dos filhos, a relação entre marido e mulher e entre pais e filhos.

Resposta pessoal.

2 A partir das noções de sentimento de infância e sentimento de família, diga por que é importante ter uma visão histórica e política da criança e da família.

Para perceber que não há ao longo da história um conceito único de infância e família, que essas relações mudaram conforme o contexto histórico, dependendo de influências como a economia ou a religião.

3 Que relação existe entre o conceito burguês de família e as alterações da arquitetura da casa? Como esse processo tem se acentuado na construção das residências nos dias de hoje?

Nos castelos medievais, a família era extensa e as pessoas transitavam livremente; nas moradias burguesas, preservou-se a intimidade dos quartos e separou-se o público do privado. Hoje, sobretudo nas famílias abastadas, há uma atomização dos espaços, o que às vezes dificulta o encontro das pessoas.

4 O que mudou na constituição da família em decorrência da emancipação feminina?

Como a mulher se profissionalizou, houve a necessidade de uma nova organização familiar, em que as atividades domésticas e a educação dos filhos fossem compartilhadas.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Que problemas decorrem de casamento ou de maternidade precoces?

São diversos, como falta de maturidade para enfrentar o desafio de criar um filho; a própria educação não finalizada; a interrupção ou alteração dos projetos de vida e profissionais, além de questões fisiológicas quando se trata de pessoa jovem demais; o fato de que o jovem nem sempre assume a paternidade. Os alunos podem citar outros problemas.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Fala-se muito em crise da família. Posicione-se (a favor ou contra) sobre essa questão, justificando seu ponto de vista.

Resposta pessoal. Crises podem ter aspectos positivos e negativos. São positivas quando indicam uma mudança decorrente de alterações sociais inevitáveis e que supõe a alteração de valores e de comportamentos; são negativas quando os padrões antigos ainda não desapareceram e o novo está se configurando, o que provoca incerteza e desconforto. Outros poderão argumentar a favor de um possível retorno da família nuclear tradicional, mas deverá analisar como adequá-la a transformações tão radicais do mundo contemporâneo.

2 Algumas das causas da mudança do modelo tradicional de família são a crise do patriarcalismo e a emancipação feminina. Em grupo, discuta essas mudanças a partir das seguintes questões:

a) Em que o homem e a mulher são iguais e em que são diferentes?

Resposta pessoal. Ambos são seres autônomos, com vida e profissões próprias. Como casal, a relação não é hierárquica, é mais democrática, e a união realiza-se por livre escolha. São diferentes como individualidades, e não segundo os estereótipos tradicionais que estipulavam os papéis masculinos e femininos.

b) Em que o pai e a mãe contemporâneos são diferentes dos pais da família tradicional?

Resposta pessoal. Antigamente predominava a autoridade incontestada do pai. Hoje, ainda que exista, permite a argumentação ou pelo menos justifica sua necessidade. Mas a relação entre pais e filhos menores de idade será sempre assimétrica, ou seja, não se trata de relação entre iguais.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Os valores que unem os membros de uma família às vezes favorecem o nepotismo, sobretudo na política. Analise esse fato e justifique seu ponto de vista.

O problema do nepotismo é que a escolha de determinada pessoa se sobrepõe aos interesses coletivos, indo contra a orientação democrática e a noção de cidadania, segundo as quais não se deve privilegiar alguns em detrimento de outros.

4 Em grupo, escolha um destes temas de discussão: mães solteiras, uniões sem casamento, uniões homossexuais ou outra questão polêmica de nosso tempo. Independentemente de concordar ou não com essas novas configurações familiares, discuta as dificuldades enfrentadas nesses casos e o direito à diversidade na sociedade plural. Em seguida, um relator deve expor as conclusões do grupo para a classe.

5 Faça uma pesquisa sobre o tema infância excluída.

- Em grupo, pesquise estatísticas sobre meninos de rua, crianças e adolescentes em situação de risco.
- Averígue os motivos por que crianças e adolescentes saem de casa.
- Pesquise como é a vida na rua e nos albergues que os acolhem.

Dissertação

Redija uma pequena crônica sobre os conflitos em uma família e as dificuldades para resolvê-los. Algumas poderão ser lidas em classe.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios de integração

1

> Nascemos homem ou mulher; tornamo-nos humanos. Esse processo, que vale tanto para a espécie como para o indivíduo, é que podemos chamar de humanização: é o devir humano do homem – prolongamento cultural da hominização.
>
> COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 286.

Tendo em vista esse texto, responda:

a) Considerando *hominização* como o longo processo pelo qual nossos ancestrais primatas evoluíram até chegar ao *Homo sapiens*, o conceito de *humanização* dele se distingue por outras características. Cite algumas delas.

Distingue-se pela introdução da linguagem simbólica, pelo desenvolvimento da cultura, pelas instituições, crenças, valores, cultos, técnicas e saberes.

b) Vimos que toda cultura promove a humanização, mas também transmite estereótipos. Cite e justifique quais são os estereótipos da feminilidade.

Resposta pessoal.

2 Selecione características da sociedade que você considera importante manter e outras que gostaria de mudar. Use argumentos para justificar seus pontos de vista.

Resposta pessoal.

3 O poeta brasileiro Mário Quintana, em "Das ampulhetas e das clepsidras", diz o seguinte:

> Antes havia os relógios d'água, antes havia os relógios de areia. O Tempo fazia parte da natureza. Agora é uma abstração – unicamente denunciada por um tic-tac mecânico, como o acionar contínuo de um gatilho numa espécie de roleta-russa. Por isso é que os antigos aceitavam mais naturalmente a morte.
>
> QUINTANA, Mário. *Porta giratória*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1997. p. 61.

Dialogando com o poeta, acrescentamos que somos "feitos" de tempo: sem a memória (passado) e sem os projetos (futuro), nosso presente deixaria de ser propriamente humano. Tendo em vista o exposto, responda às questões.

a) Analise o impacto da implantação do sistema taylorista nas fábricas, no começo do século XX.

Com o taylorismo, a velocidade preestabelecida não respeita a cadência do próprio corpo nem as diferenças individuais. Com a "racionalização" para economizar tempo, o trabalho se transformou em mercadoria. Mas, segundo o poeta, ao artificializarmos demais os ritmos vitais, não mais se pode "morrer bem", já que se vive tão mal.

Professor: O modelo patriarcal ao longo do tempo criou o estereótipo da mulher frágil, dependente, muitas vezes considerada inferior intelectualmente, com inata vocação para a maternidade, os trabalhos manuais e as atividades domésticas, além da natural submissão às expectativas do pai ou do marido.

Professor: As discussões podem girar em torno de aspectos positivos e negativos a respeito de: consumo; conciliação entre trabalho e lazer; alterações no modelo de família; persistência ou não da hierarquia homem-mulher em alguns setores da sociedade; contraste entre riqueza e pobreza; progresso e sustentabilidade; prazer e alienação no trabalho; e outras questões.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) A advertência do poeta nos serve ainda hoje, em diversos âmbitos da vida contemporânea, no trabalho, na vida familiar e nas relações de amizade. Explique por quê.

A tirania dos horários fixos, dos compromissos marcados, das atividades inadiáveis transformam a vida contemporânea em um frenesi de difícil controle. O trabalho atropela o lazer, o lazer se faz também cumprindo horários, a família não consegue se reunir em horários comuns a todos, os amigos passam tempos sem se ver. Com as comunicações – telefone, mensagens eletrônicas –, os encontros pessoais tornam-se mais raros.

4 Discuta com seu grupo sobre os recursos da publicidade para induzir as pessoas a votarem em determinados candidatos, como acontece nas campanhas eleitorais a cargo de publicitários famosos.

A escolha de um candidato deveria ser feita em termos racionais e por meio de persuasão argumentativa. Já a publicidade não se restringe à informação, porque visa à adesão sem crítica do eleitor. Em contrapartida, convém lembrar que as pessoas nem sempre constituem massa amorfa, podendo perceber a intenção de manipulação.

5

> Teus filhos não são teus filhos.
> São filhos e filhas da vida, anelando por si própria.
> Vêm através de ti, mas não de ti,
> e embora estejam contigo, a ti não pertencem.

A partir do trecho do poema de Khalil Gibran, discuta as relações entre pais e filhos.

Tal como o indivíduo recebe a tradição de sua comunidade, ao mesmo tempo que deve ser crítico dela, a relação entre pais e filhos visa preparar a criança para a autonomia. Hoje em dia, devido às rápidas mudanças no modelo de família, nem sempre os conflitos de gerações têm sido trabalhados de modo adequado, às vezes pela ausência dos pais devido ao trabalho, outras vezes pela própria perplexidade dos pais diante dessas mudanças.

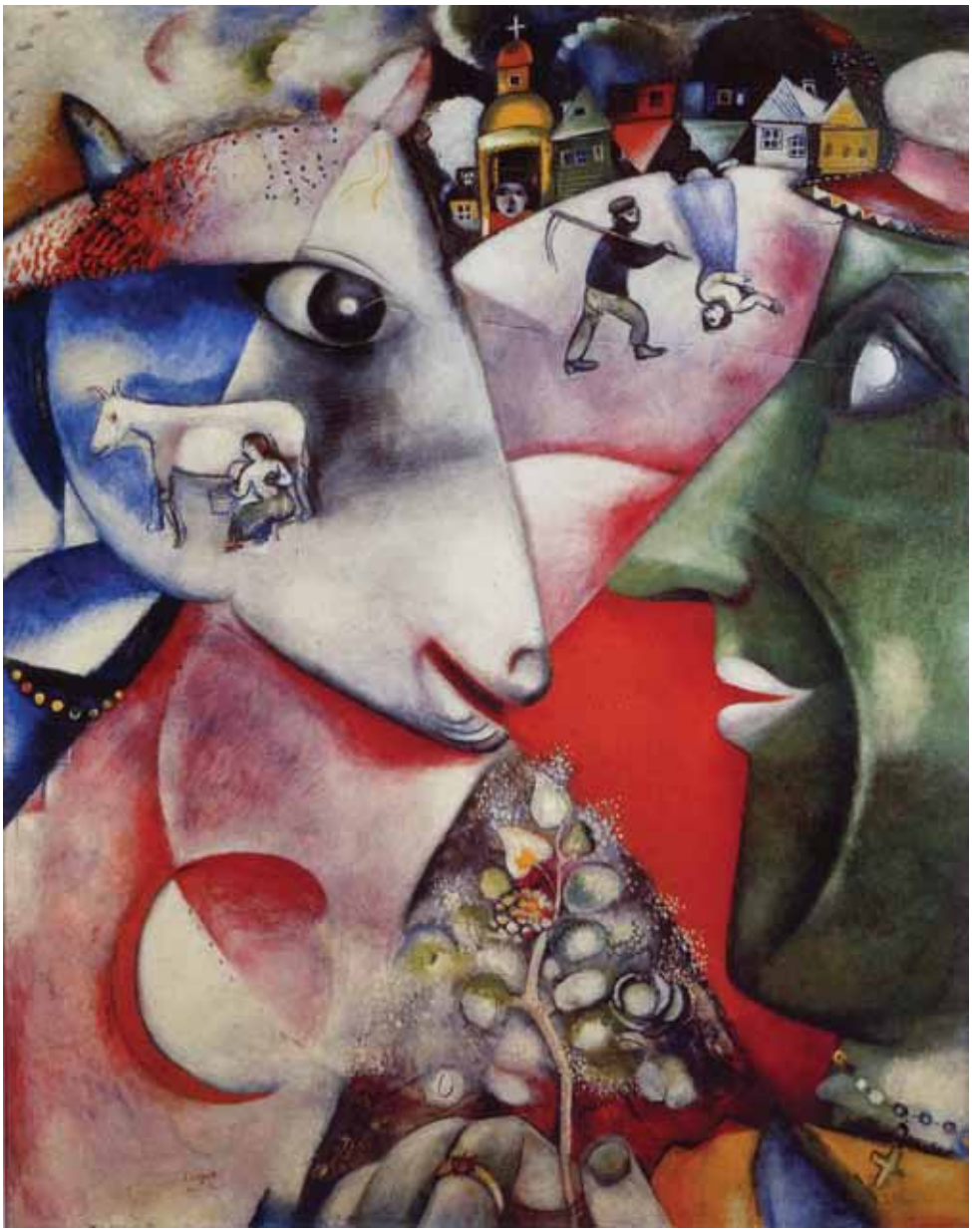
6 Cite os riscos do consumo exacerbado nos aspectos ecológicos, econômicos, psicológicos, sociais, políticos.

Ecológicos: poluição da natureza, esgotamento das reservas, lixo excessivo.

Econômicos: interesses empresariais determinantes, estimulação da publicidade.

Psicológicos: necessidades estimuladas, ânsia por novidades, insaciedade. *Sociais*: exclusão das camadas mais pobres. *Políticos*: injustiça social.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



MOMA, NOVA YORK

Eu e a aldeia (1911). Óleo sobre tela de Marc Chagall.

Marc Chagall (1887-1985), pintor russo de nascimento, viveu em Paris de 1922 a 1941, quando então se refugiou nos Estados Unidos, em 1941, por causa das perseguições nazistas. No começo do século XX, surgiam as vanguardas modernistas que desconstruíram os padrões da pintura acadêmica. Chagall sofreu influência do Cubismo, do Fauvismo e do Simbolismo e antecipou o Surrealismo. Suas obras, muito coloridas, revelam o amor que sentia pela sua mulher, Bella, a intensa religiosidade e a nostalgia pela infância. Nunca se esqueceu da aldeia em que nasceu, como mostra a imagem. Observe que na pintura duas diagonais dividem o quadro em partes antagônicas:

- à esquerda, a cabeça de cabra e a mulher ordenhando a vaca e, à direita, um homem;
- acima, o casal de camponeses indo para o trabalho e suas casas e, abaixo, a natureza vegetal.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Interprete essa tela usando os conceitos estudados a respeito da cultura, a partir dos seguintes tópicos:

a) tradição e ruptura

Resposta pessoal. A arte é uma linguagem pela qual o autor diz o que sente e como percebe o mundo. Na tela de Chagall, há elementos de tradição e de ruptura: ele está ligado afetivamente à sua aldeia, mas sua arte é contemporânea.

b) trabalho humano e natureza animal e vegetal

Resposta pessoal. O trabalho humano não se desvincula do mundo animal e da natureza vegetal: em ambas as oposições, a presença humana entrelaça-se com a natureza na expressão da cultura; vale refletir sobre as questões contemporâneas de que o ambiente somos nós e não algo fora de nós, daí a necessidade da sua preservação.

c) a expressão artística na sua dimensão pessoal e universal

Resposta pessoal. O tema da pintura é pessoal e ao mesmo tempo universal: o artista retrata seu passado, mas a obra nos toca porque todos nós podemos nos identificar com o fato de que nossas reminiscências fazem parte do nosso presente – a cultura tem uma dimensão histórica, em que a tradição exerce importante função de construção da nossa identidade.

2 A tela retrata a Rússia do início do século XX, mas cada vez mais esse modelo de vida rural está em vias de desaparecer no contraste com a moderna agroindústria. Cite algumas dessas mudanças.

Resposta pessoal.

Professor: Além do que foi visto no módulo, a resposta depende do que o aluno já sabe. A moderna tecnologia invadiu o campo, não só quanto às máquinas motorizadas, mas também necessita das técnicas de informação e comunicação. A agricultura familiar – importante para o consumo interno – tende a não competir com os grandes investimentos. A monocultura tende a prevalecer devido à demanda dos novos mercados.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para ler

- *O apanhador no campo de centeio*, de Jerome D. Salinger. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1999.

  Adolescente observa com olhar crítico a sua sociedade, a hipocrisia, os falsos valores, os objetivos de vida que não são os seus. O próprio autor, Salinger, viveu retirado da convivência social.

- *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. São Paulo: Rocco, 1998.

  Macabea, uma migrante nordestina, ingênua e semianalfabeta, sonha ter uma vida melhor em São Paulo. A história foi adaptada por Suzana Amaral para o cinema.

- *A metamorfose*, de Franz Kafka. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

  Nessa obra clássica, certa manhã um caixeiro-viajante descobre que se transformou em um monstruoso inseto. As obras de Kafka são abertas a múltiplas interpretações, devido ao inusitado do seu relato; por isso, é sempre possível encontrar nelas a crítica ao nosso modo de viver.



REPRODUÇÃO

Para assistir

- *O milagre de Anne Sullivan*, de Arthur Penn. EUA, 1962.

  Anne Sullivan é a mestra que conseguiu trazer Helen Keller, que nasceu com deficiência visual e auditiva, para o mundo do símbolo e, portanto, da cultura.

- *O menino selvagem*, de François Truffaut. França, 1969.

  No século XVIII, uma criança selvagem é encontrada na França e um professor dá início à sua educação.

- *A guerra do fogo*, de Jean Jacques Annaud. França/Canadá, 1981.

  Ficção sobre os primórdios de agrupamentos de hominídeos que descobrem a utilidade do fogo e lutam por ele.

- *Tempos modernos*, de Charles Chaplin. EUA, 1936.

  Clássico de Carlitos, ironiza o sistema fordista de trabalho em linha de montagem.

- *Eles não usam black-tie*, de Leon Hirzman. Brasil, 1981.

  Filme sobre a conscientização de classe de trabalhadores.

- *A criança*, de Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne. Bélgica/França, 2005.

  Jovem casal tem um filho e o pai o vende sem que a mulher saiba. O drama gira em torno do amadurecimento humano diante da responsabilidade de assumir o filho.



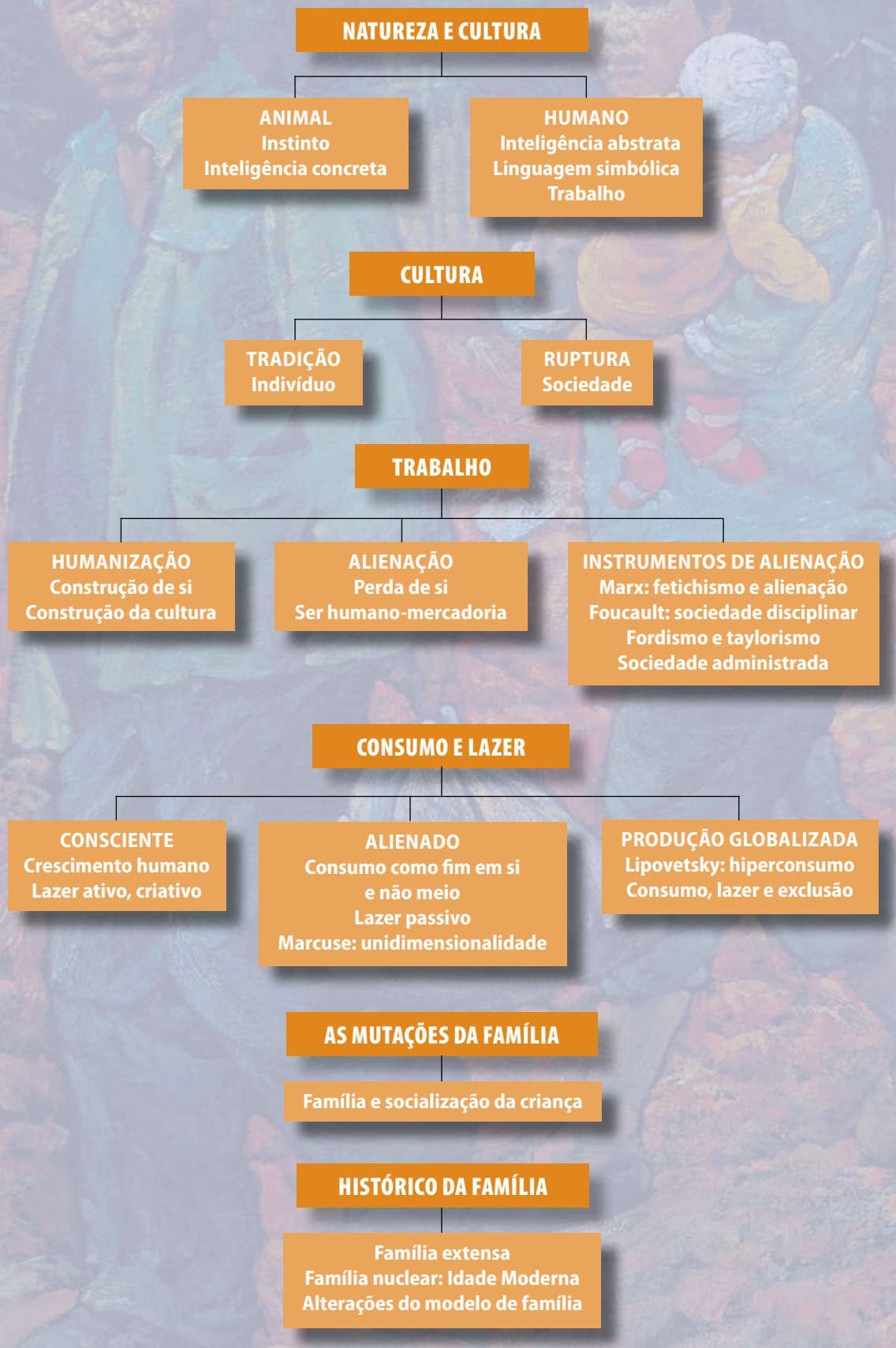
REPRODUÇÃO

Para navegar

- Biblioteca eletrônica de periódicos científicos. (www.scielo.br)

  A versão em português integra o projeto Fapesp/Bireme/CNPq.

Navegando no módulo



FILOSOFIA

Maria Lúcia de Arruda Aranha